

GABRIEL BASTOS

Da mocidade  
à velhice



TIPOGRAFIA INDEPENDENCIA  
PASSO FUNDO  
1944



Gabriel Bastos

# Da mocidade à velhice



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Gabriel Bastos

**Da mocidade à velhice**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, poemas, -Passo Fundo: Tipografia Independência, 1944. 92p.; 12cm x 19cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhualqual 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 11/03/2013

B327d Bastos, Gabriel

Da mocidade à velhice [recurso eletrônico] /  
Gabriel Bastos. – Passo Fundo : Projeto Passo  
Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-64997-76-9

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

Da mocidade à velhice .....	9
VERSOS... PROSAS.....	10
MORGADINHA .....	12
“CINZAS: PÓ” .....	13
O BAILE .....	15
CARIDADE .....	17
SONETO.....	18
DOIS ANIVERSÁRIOS .....	19
- O TEMPO – .....	20
MISÉRIA .....	22
ANO NOVO.....	24
- DEUS – .....	25
Á QUERIDA NETA E AFILHADA RUTH NO DIA DE SEU ANIVERSÁRIO .....	26
O MEU ANJO NATALICIO .....	27
AO AVENTALSINHO.....	29
RUMO À ESCOLA.....	31
BONS ANOS!.....	32
IRATI.....	33
“FLORES DA PRIMAVERA” .....	35
“FOLHAS QUE CAEM” .....	36
MÃE .....	38
NO ALBUM DA SENHORINHA EDITH .....	39
RETRATO DE EDITH.....	40
AOS LEGIONÁRIOS DO BEM .....	41
LOUVOR.....	42
A UMA SENHORA QUE ESTRANHOU A MUDEZ DE MINHA LIRA.....	43
- A VIDA – .....	44
CÉGO .....	45
DIA DAS MÃES .....	46
TIRADENTES .....	47
AVANTE!.....	48
JEREMIADA .....	49
AS GENTIS SENHORINHAS – LOURDES LANGARO E IRIS LIMA.....	50
O CANTO DO ERVEIRO.....	52
NOVIDADE PARA MUITOS .....	56

DEFINIÇÃO E PREPARO DO FRANGO .....	57
NO ALBUM DE UMA MENINA .....	58
SAUDADES DE UMA MENINA .....	59
AO NATALÍCIO DE UMA MENINA.....	60
- ANÁLIA - .....	61
LUNDU .....	62
SEGUNDA PARTE - PROSAS – .....	64
TRAÇOS MASCULINOS .....	65
PSICOLOGIA DO SENTIMENTO.....	66
FATOS E OPINIÕES .....	68
CENAS DA VIDA .....	69
RARIDADES ANTROPOLÓGICAS .....	70
QUADROS EDENICOS .....	71
DEPOIS DE ADÃO.....	73
RECORDAÇÕES.....	75
O CAMINHO DA VIDA.....	76
LÁGRIMAS .....	78
A MULHER E O COOPERATIVISMO .....	80
- O JOGO – .....	81
ARREPENDIMENTO É SALVAÇÃO .....	82
O “H” NA NOVA ORTOGRAFIA .....	83
O MEU ANIVERSÁRIO .....	85
A MULHER – SUA BENEFICA AÇÃO SOCIAL – AS PROFESSORAS....	86
A MULHER E A POLÍTICA .....	87
COMEMORAÇÕES GUERREIRAS, CONFRATERNIZAÇÃO, AMOR À PÁTRIA .....	88
O QUE VAI PELO MUNDO .....	91
OS QUATRO CAVALHEIROS DE APOCALIPSE.....	93
A LIGA DE DEFESA NACIONAL .....	94
BRASIL, TERRA DA PROMISSÃO .....	99
NO DIA DA ASA .....	101
ESCOLA COMPLEMENTAR.....	103
ENQUETE – LITERATURA .....	104
A CAROLINA .....	107
A EXCURSÃO DOS BOTUCARIS .....	108





**- VERSOS... PROSAS... –**

**Da mocidade à velhice**

**- Razão deste livro –**

Antes da publicação d'“A Atlântida”, já pronta para o prelo, resolvemos publicar esta modesta brochura – recordação de uma vida passada em constante luta pela existência, sempre em afanosa atividade, sem lazeres correspondentes na labuta quotidiana, salvo esporádicas, fugazes primaveras... Longa a viagem entre os vivos pois já cá vão oitenta e cinco ríspidos invernos com fugidios, raros alvares primaverís que o lar, hoje deserto, proporcionou... Fora disto, apenas sombrias temporadas outonais, como para dissipar os rigores das invernias... Assim escoaram-se uma multidão de dias que constituem uma vida sem as carícias de Pluto, minorando o dever de constante labuta... Esse potentado de ouro não entornou sua cornucópia sob meus passos, senão parcamente e depois que o tempo deixou vaziar sua ampulheta largos anos. ... Quiseram esses potentados – Pluto e Tempo – que só as bordas do último leito a vida encontrasse vereda mais suave, para que os tardos passos do velho, não pisassem duros cardos... Assim se vai escoando o tempo... Como recordações desse longo labutar, aí ficam estas memórias, cujos proventos econômicos são, como os d'“A Atlântida”, destinados, integralmente, aos desprotegidos da sorte: Escolares pobres e Institutos beneficentes.

GABRIEL BASTOS.

## **VERSOS... PROSAS...**

O Vilancete e Voltas seguintes, do ilustrado casal Aplecina e Manoel do Carmo, publicados, em cartão, no dia 1º de janeiro de 1913 e para aqui trasladados, honrando a primeira página deste livro, inspiraram-me o Vilancete e Voltas que lhes dediquei e que se vê em seguida a este.

### **VILANCETE**

Quando o sonho nos envela,  
A vida é um doce prazer  
E vale a pena viver

### **VOLTAS**

Como estes campos dobrados  
Que os olhos perdem de vista,  
Todos de verde bordados  
Na esperança da conquista,  
Tal é a senda encantada  
Que percorremos, da treva  
Direito a luz da alvorada,  
Quando o sonho nos enleva.

Quem de alma vai resoluta  
Seguindo alada quimera,  
Nos próprios vai-vens da luta  
As rijas forças tempera.  
E quem levanta a esperança  
Qual pendão a combater,  
Na luta extrenua não cansa  
- Lutar é doce prazer.

Que o novo ano risonho  
Te retempere a energia,  
E que acalente teu sonho  
Para lutar dia a dia.  
Sem luta a vida é mofina,



Com a luta a vida é prazer,  
A luta os fortes fascina  
E vale a pena viver.

Ao ilustrado casal – Aplecina e Manoel de Carmo:

**- VILANCETE –**

Em primavera florida  
É aprazível a vida  
E vale a pena viver.

**VOLTAS**

O jovem par, de mãos dadas,  
Por florescidas estradas  
Vai feliz levando a vida:  
Belo par de bons esposos  
Tem seus dias aventureiros  
Em primavera florida.

Levando a vida entre flores,  
Onde saltitam amores  
E a alegria tem guarida,  
Tendo assim um paraíso  
Onde canta alegre o riso,  
É prazível a vida.

Em lar cheio de carícias,  
Aqui, ali, só delícias,  
Em tudo, tudo, o prazer,  
Vivam os dois esposos  
Sempre, sempre venturosos,  
Que vale a pena viver.

1º Jan. 1913

## **MORGADINHA**

Casta donzela de sorrisos magos,  
Gratos afagos em teu viver açolhes;  
Doces liames de amizades veras  
São primaveras que bondosa colhes:

Filha que ama sua mãe querida,  
A quem a vida toda inteira dá,  
Irmã – um mimo de carícias santas,  
Nobres e tanas como mais não há...

Deus te conserve, coração de ouro,  
Raro tesoura de beleza e graça  
Sempre querida, sempre moça e bela,  
Mimosa estrela de brilhar sem jaça.

1915 – Janeiro



## “CINZAS: PÓ”

É o título de um livro de esplendidos  
Poemas da ilustrada escritora e poetisa  
Aplecina do Carmo.

“Cinzas: Pó...” fragmento da alma humana  
A rolar pela gleba desumana  
Concretizados no pó,  
Nada mais... só... e só...  
Pó...

Centelha do sonho a rolar pelos mundos  
Buscando corações que saibam ser profundos

Fumo a sufocar  
O nosso vago olhar...  
(De Cinzas: Pó...)  
“Cinzas: Pó...”

Mimoso escrínio de doces melodias,  
Poemas de delicadas harmonias,  
Pensar... sentir de belo espírito,  
De nobre coração!  
“Cinzas: Pó...” que não se envolvam com o vento,

Mimos refulgentes,  
Eternos e brilhantes  
De cultura e talento.

“Cinzas: Pó...”  
Magos desenhos de pincel sublime  
Que arrebatam...  
Que dominam  
Como a aragem sutil domina o vime,  
Brandamente...



Cariciosamente...

“Cinzas: Pó...”  
Conjunto de primores...  
Jardim de belas flores!

1921 Out. 20



## **O BAILE**

### **- A uma menina –**

O baile, meiga, criança,  
Afaga muita esperança,  
E enche o peito de amores;  
Mas, muita falinha bela  
Que te dirigem, donzela,  
Traduzem só fel de dores.

Quanto mancebo galante,  
De coração inconstante,  
Te jura ser mui fiel  
E doutra incauta menina,  
O coração assassina,  
Vazando nele só fel!

Não creias, virgem mimosa,  
Nessas galas cor de rosa,  
Que dizem – amor, paixões,  
Pois há dândis tão malvados,  
Que tem os peitos gelados  
E amargos nos corações.

Dizem amar uma bela,  
Juram morrer por ela,  
Por ela tudo deixar,  
E a virgem crê nessa jura,  
Que sua coroa tão pura  
Só pretende macular.

Fugi donzela inocente,



Quando vires um pedante  
Olhar muito para ti,  
Pois, seu olhar de fogo  
Pode a chama atear logo,  
No coração de uma huri.

Soledade 1882





## **CARIDADE**

### **Às Senhoras e Senhorinhas Cruzaltenses**

Oh! Vós que sois todas belas,  
Que tendes bom coração,  
Que sois da terra as estrelas,  
Que tendes culto cristão;

Cuja alma é toda bondade,  
Cheia de humano sentir,  
Escrínios de caridade,  
Mimos de nosso existir:

Vendo a miséria assolando,  
Vítimas da fome imolando  
Sem dó e sem piedade,

Colhei de Deus muitas palmas:  
Instituí, boas almas  
Um Centro de Caridade!

Cruz Alta 1900



## **SONETO**

**Á presada comadre Any, no dia de seu aniversário.**

Céleres correm os dias,  
Os anos, rápidos voam,  
Plenos alguns de harmonias,  
Outros, sombrios se escoam.

Para muitos, tem a vida,  
Negras sendas escabrosas,  
Para poucos, grata lida  
Cheia de risos e rosas.

Que a vossa, cara senhora,  
Seja premiada por Flora  
Com muitas flores mimosas,

E que a passeis mui contente  
É meu voto vero, ardente  
Entre risos, entre rosas!...

Cruz Alta, 6 de abril 1901

-:-



## DOIS ANIVERSÁRIOS

9 DE JANEIRO DE 1902

**À uma Senhora que também hoje aniversaria.**

Mais um ano hoje deixamos  
Na larga senda da vida...  
O meu – madeiro alquebrado,  
O vosso – uma haste florida;

O meu, d'inverno o prenúncio  
Mostrando, frio implacável,  
O vosso, ainda viçoso,  
É primavera adorável;

O meu, com nuvens sombrias,  
O fim da vida já vendo;  
O vosso mil alegrias  
Ao lar feliz vem trazendo.

Sobre mim, frias lufadas  
Desilusões imprimindo,  
Sobre vós, zéfiros brandos,  
Lindas flores esparzindo.

Pois bem, que rósea existência  
Se alongue futuro afora,  
Sempre de risos bordada,  
São os meus votos, senhora.

## **- O TEMPO –**

Passa o tempo, a hora soa,  
Passa o minuto que voa,  
Vem o segundo veloz;  
O mês o Tempo atravessa,  
O ano passa depressa,  
E o Tempo nos deixa sós.

Com o Tempo os séculos correm,  
Milhares de mundos morrem  
E o Tempo sempre a passar,  
Tudo se finda se acaba,  
Só o Tempo não desaba...  
Sempre há Tempo por chegar.

Como Ahasvero lendário,  
Cumpre o Tempo seu fadário,  
Sempre, sempre a caminhar;  
Ora se acha com a vida,  
Ora a morte é sua lida;  
Num constante labutar.

Quando o Bem o acompanha,  
Caminha sempre com manha,  
Até a hora de chegar...  
Nesse momento se apressa  
E marcha, marcha depressa,  
Sós nos deixando a penar.

Sendo o Mal seu companheiro,  
Vem chegando mui ligeiro,  
Mas, sem pensar em seguir:

Com o Bem é breve a lida...  
Com o Mal protela a ida,  
Não tem pressa de partir.

**1917**

-:-

## MISÉRIA

Nesses escusos cerrados,  
A nudez, a fome, a dor,  
Sobre pobres infelizes  
Atiram o bote traidor.

Quais feras sem piedade,  
Aos miseráveis atacam  
E onde o riso vivia  
Dor e fome se destacam.

Em casebres já pendentes  
Há mulheres desgraçadas,  
Que esgotando a própria vida  
Nutrem crianças mirradas.

Homens velhos alquebrados  
Sem poder mais caminhar,  
Caem exaustos e morrem  
Sem força para esmolar!...

Eles tem filhos sem pão...  
Sua miséria é completa!  
Tem mulheres seminuas,  
Tem a lareira deserta!

\*\*\*

Povo feliz: Vós que tendes  
Da vida o doce gozar,  
Que da pobreza cruenta  
Não sofreis duro penar,

Olhai para os miseráveis  
Que vê morrendo de fome!  
Oh! dai esmola aos coitados,  
Que bendirão vosso nome.

Cultuai a Caridade,  
Que é sacrossanto sentir,  
E dai aos pobres – comida,  
E dai aos pobres – vestir!

\* \* \*

Meiga, a boa Caridade  
Esparze o Bem entre espinhos:  
Se é negra a necessidade,  
Deita-lhe o Bem nos caminhos.

De choça dos desvalidos,  
Fazendo a fome guarida,  
Ela, ligeira aprece  
Levando o Bem e a vida!

Oh! Caridade bendita,  
Sentimento divinal,  
Protegei os infelizes,  
Afastai deles o mal!



## **ANO NOVO**

**1º de Janeiro de 1917**

Vejo-te a face risonha,  
Meu primeiro de Janeiro!...  
Será minha alma que sanha  
Com todo o ano fagueiro?

Vem a nós loira criança,  
Sempre graciosa e galante,  
Dá-nos ano de bonança,  
Ano nos da abundante.

A feia guerra termina,  
Pois, tanta gente assassina  
Cruel, medonha, feroz...

De uma Paz leal inteira  
Fortalece a sementeira,  
Extingue o lutar atroz.

**1917**

-:-



**- DEUS –**

Á ilustrada poetisa Aplecina do Carmo, autora dos belos poemas –  
“Cinzas: Pó...” –

“E eu sigo interrogando ao passar pelo monte,  
Á pedra, ao rio, ao pó, à tristonha folhagem  
Se existe alguma cousa além deste horizonte?...”

**(De Cinzas: Pó...).**

Além deste horizonte existe o Infinito...  
Como o Infinito existe, aquém do horizonte!  
Quer do átomo sutil ao bloco de granito,  
Quer do fundo vale ao elevado monte;

Desde o cedro altaneiro á erva que rasteja,  
Da superfície da terra á mais profunda mina,  
Do enorme albatroz, ao colibri que adeja,  
Do fluído sutil ao raio que sulmina;

Da doce branda aragem ao forte rijo vento,  
Do mui delgado fumo ao negro furacão,  
Do mais profundo mar ao belo firmamento,  
Do mesquinho verme ao rei da criação;

Na morte que liberta, na vida, que nos prende,  
No chorar do adulto, no rir dos inocentes,  
Na luz do sábio, na treva do que aprende,  
Existe o Infinito o Grande Deus dos crentes!...

Do fino veio d’agua ao mar que brame triste,  
Da medonha caverna ao píncaro do serro,  
Em tudo vejo Deus, em tudo Deus existe!...  
Não crer em Deus e cometer um erro!

20 outubro de 1921

## **Á QUERIDA NETA E AFILHADA RUTH NO DIA DE SEU ANIVERSÁRIO**

Quinze anos, meiga criança,  
Quinze anos! Quanta esperança  
Nos vem à flux, nesta idade?!  
É da vida o paraíso!...  
Se vem, oh neta, com siso,  
Traz junto a felicidade.

Foi-se a infância, querida,  
A doce quadra da vida,  
Que nos deixa e mais não vem;  
Tens agora a juventude  
Cheia de solicitude  
Cheia de afagos também.

És na grata primavera,  
Quadra de muita quimera,  
Quadra de muita ilusão!  
Que os anjos, nesta emergência  
Deem-te perene assistência  
E guiem teu coração.

Flor em botão, afilhada,  
Tens sido muito estimada,  
Tens tido sempre carinho;  
Flor em plena florescência,  
Deus te mantenha a inocência,  
E te esteja no caminho.

23 Agosto de 1924

## O MEU ANJO NATALICIO

9 DE JANEIRO DE 1914

### Em uma reunião de famílias amigas

Eis-nos na curva da estrada  
Que nos leva ao fim da vida,  
E de nós faz verme e nada,  
Nos afastando da lida!

De nós... aclare-se o ponto:  
De nosso corpo a matéria!  
Que a alma vai outro porto  
Procurar na vida etérea.

Se o corpo, inerte, desaba  
E frio cai sobre o chão,  
A vida assim, não se acaba,  
Fica o espírito, vivo e são.

É que a missão de nossa alma  
Tem duração milenar:  
Mil vezes sobe ao infinito  
E de lá torna a voltar.

Façâ-mo-la, pois, progredir,  
Procurando sempre o bem;  
Não a deixemos cair...  
Eleva-nos ela também.

Mães, esposas e donzelas  
Deixai-me um hino cantar:  
Vós sois uns mimos, sois belas,



Mimosos risos do lar!

Vós sois as flores da vida,  
Tendes mil graças e encantos;  
Quando sofremos na lida,  
Vós enxugais nossos prantos.

Vós sois um mimo divino,  
Vós sois da vida a beleza,  
Convosco, o nosso destino  
Se abranda, perde a rudeza.

Esposas, mães carinhosas  
Que compartilhais nessa dor,  
Que as sendas mais escabrosas  
Deixais, bondosas, em flor;

Vós que meigas e benditas,  
Deus nos deu em partilha.  
Que abrandais nossas desditas  
Como esposas, mães e filhas...

Recebi, minhas queridas,  
Toda a minha gratidão...  
Mil flores todas colhidas  
Em meu velho coração.

-:-

## AO AVENTALSINHO

### Festa de Caridade

Te mandaram, almas nobres,  
Buscar algo para os pobres!...  
Leva, pois, o que aí vai...  
Reparte com quem precisa,  
Muito pão, muita camisa!...  
Há tantos filhos sem pai!

Leva alegria contigo,  
Se do pobre bom amigo,  
Seca a lágrima de dor!  
Dá calor ao frio lar,  
Faz rir quem vive a chorar,  
Leva ao pobre muito amor.

Vai mimoso aventalsinho,  
Vai levar um presentinho  
Aos desvalidos irmãos:  
Acariciar a pobreza,  
Minorar sua tristeza  
É dever de bons cristãos.

Vai assim, bem carinhoso,  
Oh avental venturoso,  
Matar a fome do pobre,  
Cobrir-lhe as carnes geladas  
Pelas cruentas geadas!...  
Fazer bem é sempre nobre.

Viúvas desamparadas,

Todas de vestes rasgadas,  
Que escondem o próprio nome,  
Em seus escuros casebres,  
Mesquinhos, feios albergues,  
Tem filhos nus e com fome!

Lindo escrínio de bondade,  
Avental da Caridade,  
Deus te ampare na missão!  
Faze bem boa colheita,  
Que a pobreza satisfeita  
Dar-te-á o coração!

**26/06/1992**

**Nota:** Aventalsinho é um avental em miniatura, com o respetivo bolso, onde mandam as ofertas às pessoas que o receber vazios, dos encarregados da Festa, quase sempre uma comissão de senhoras ou senhorinha. Há tempo, houve aqui uma Festa desta natureza, com simpático acolhimento da população em geral.

-:-



## **RUMO Á ESCOLA**

### **Aos pequeninos escolares**

Rumo a Escola, grupo gentil!  
Rumo à Escola segui, crianças  
Meigas e belas, sois esperanças  
Da Pátria amada, caro Brasil!

Oh! Não perdi belos momentos  
De dar ao espírito Luz e Razão!  
Enchei a alma e o coração,  
De vastos, nobre, conhecimentos.

A cara Pátria, vasto Brasil!,  
De rico solo e céu de anil,  
Conta convosco no progredir...

Conta convosco para brilhar!...  
Se a nossa Pátria sabeis amar  
Cuidai, zelosos, de seu porvir.

**22/10/1922**

-:-



## **BONS ANOS!**

**1º de Janeiro de 1922**

Na voragem do passado,  
Um ano mais se esgueirou;  
Para muitos foi malvado,  
Porém, alguns enricou.

Aqueles amaldiçoam  
O velho ano que passa...  
Mas, outros o abençoam  
E neste querem mais caça.

Que Deus perdoe os primeiros,  
São os votos de quem rima,  
Contanto que os derradeiros  
Achem também sua mina.  
Que no fim do Novo Ano,  
Todos se contem felizes!  
Que jamais um desengano  
Lhes mostre feios matizes.

-:-



## IRATI

### À Antonio Saboia

Futurosa Irati! Teus vastos pinheirais  
    Simbolizam ouro!  
Teus belos e esplendidos ervais  
    - Por si áureo tesouro –  
    Dão riqueza e vida,  
    Levam o homem á lida  
    Frutuosa e grata...  
Quem nesta terra, não desata  
    Em expansões alegres?  
Ricos – tem o riso franco dos felizes!  
    Pobres – em seus albergues,  
Não enxergam do mal duros matizes!...

Futurosa Irati! Em ti um mundo,  
Que estranhos enriquece, e brasileiros!  
Teu progredir que se estampa em tudo,  
Emana de teus ervais, de teus pinheiros...

Ervais que o pulso robusto  
    Corta, e a erva, produz,  
Belos pinhais que, sem custo,  
    A serra à taboas reduz –  
Sois a fortuna que cresce:  
    Regalais do rico a vida,  
    Minorais do pobre a lida!  
    A Miséria aqui fenece.

**Irati, 10/05/1923**



Antonio Saboia já não existe. Faleceu há diversos anos. Conheci-o em 1893 em Ponta Grossa, desde quando mantivemos sempre afetuosa amizade. Em 1923 residia em Irati, onde precisei demorar-me cerca de três meses, tendo oportunidade de conhecer melhor as nobres qualidades que ornamentavam seu caráter sem jaça. Dedicado chefe de família, amigo leal, o seu desaparecimento causou profunda mágoa a todos que o conheciam.



## “FLORES DA PRIMAVERA”

(Sociedade de moças)

### Agradecendo um convite para baile.

Um buquê de lindas flores,  
Um conjunto de primores,  
Este Grêmio reuniu;  
Cada qual a mais mimosa,  
Cada qual a mais graciosa,  
Deus bondoso aqui uniu.

Louras umas, outras claras,  
Flores todas muito raras,  
Que maltratam corações.  
Há morenas entre elas,  
Todas gentis muito belas,  
Todas, todas, tentações.

Torcem fácil as alminhas  
E todas, todas juntinhas,  
De moços cheios de amores,  
Pois, são todas carinhosas,  
Sem o espinho das rosas,  
Bonitas como estas flores.

A todas estas donzelas,  
Lindas umas outras belas,  
Grato, envio saudações...  
E que moços delicados  
Sejam pares dedicados,  
Entregando os corações.

**Irati, 10/05/1923**

## “FOLHAS QUE CAEM”

Livro de belas poesias da ilustrada poetisa

Iainha Pereira Gomes.

“Folhas que caem”!...  
Que linda folhas verdes-douradas!  
Leve-as a brisa para alvoradas  
De azul e rosas,  
De azul e ouro!  
São tão formosas...  
São um tesouro!

Auras mimosas,  
Levem-nas cuidadas  
E embaladas  
Em mil carinhos,  
Em mil venturas,  
Como uns anjinhos  
Que Deus envia ás almas puras!

“Folhas que caem”  
Agradam tanto,  
Pela beleza cheia de encanto,  
Que a gente sente,  
Vendo-as cair,  
Eflúvios n’alma...  
Grato sentir!  
Assim levadas  
Por alvoradas

Que prenunciam belas manhas,

“Folhas que caem” sempre queridas,  
Serão o encanto de muitas vidas,  
Serão eternas, sempre louças!

**Abril de 1923**

-:-

## **MÃE**

### **Para uma menina recitar no dia das mães.**

Ter mãe é ter alegrias...  
É ter carícias na vida,  
Ter mãe é ter o consolo  
Nas duras horas de lida.

Quando Deus, que tudo pode,  
Nos leva a mãe – nosso amor,  
Nossa alma, triste, magoada,  
Se enluta cheia de dor.

Mãe!... Que doce harmonia,  
Maga, santa melodia,  
Teu nome, querida, encerra;

Ter mãe é ter um tesouro,  
Que vale mais do que o ouro  
Dos potentados da terra.



## **NO ALBUM DA SENHORINHA EDITH PINTO DE ALMEIDA**

Em velhos tempos, quando a mocidade floria a minha idade, eu tangia a lira, então de harmoniosas cordas! Hoje, quebradas essas fibras queridas, a lira só tem sons lúgubres como cicio dos ciprestes, como o toque de finados! É que hoje, não mais a inspiração dos tempos de moço dá vigor ao velho poeta: moço – canta-se o amor, a primavera, o riso e as flores; velho – são as elegias, as nêias que surgem à primeira inspiração... É' que das proximidades dos túmulos, a alegria e a vida fogem espavoridas...

...– Que? – Para onde vamos? – Então no mimoso escriptorio de belas dedicatórias, onde se exalçam a beleza e a bondade da mimosa jovem, dona deste delicado volume, se deixa a impressão da tristeza e da mágoa? – Não!...

Deixemos da velhice os tristes pensamentos  
E sejamos moço, ao menos uns momentos;  
Velho, na prova tristonha...  
E moço – poeta que sonha!



## RETRATO DE EDITH

Vejo um **quê** de tristeza  
Em seu mimoso retrato,  
Os cabelos vejo escuros,  
Sinto finura no trato.

Em seus olhos quase negros,  
Nota-se muita doçura,  
Porte – adivinho elegante,  
Coração?  
- Tem o seu quê de amargura.

A tez parece morena,  
Nariz e boca – graciosos;  
Nos olhos – melancolia,  
Nos lábios risos formosos.

.....

E diga, mimosa Edith  
Se o velho acertou ou não:  
Moça cheia de beleza  
Tendo um belo coração!

.....

Este velho sertanejo  
Não é quase um adivinho?  
Não pintou bem, o retrato?  
- Pintou sim! e direitinho.

**Irati, 04/02/1926**



## **AOS LEGIONÁRIOS DO BEM**

Legionários do Bem, nobres soldados  
Do regime da Paz e do Progresso,  
Os adeptos do Mal vão debandando,  
Suas hostes já vão em retrocesso.

Exultemos por isso, vitoriosos  
E sejamos bem firmes na peleja,  
Pois, se o Bem defendemos ardorosos,  
Desejamos que o Mal bem longe esteja.

E se o Mal nosso apoio desmerece,  
É que o Bem por divisa sempre temos;  
Nosso humano sentir nunca fenece,  
E do Mal os heróis não amparemos

Da Vitória colhendo verdes louros,  
Nobre sempre e leal nossa conduta,  
Do Progresso e da Paz os mil tesouros  
Espalharemos depois de finda a luta!



## **LOUVOR**

### **As damas de Caridade e da Cruz Vermelha.**

Almas nobre, boas almas,  
Cheias da unção do Senhor,  
Tendes no Céu santas palmas  
Por vossos feitos de amor.  
Aos que sofrem, pobrezinhos,  
Na vida embates cruéis,  
Não poupais nossos carinhos  
E sempre encheis seus farnéis.  
Daqueles que sofrem dores,  
Contrariedades e mágoas,  
Vós acalmais os rigores  
Desse penar, dessas fráguas.  
Se das batalhas – feridos  
Às vossas tendas se acolhem,  
Cessam dores e gemidos  
Pelos cuidados que colhem.

- INVOCAÇÃO –

Santas, boas criaturas  
Que a Terra tornais querida,  
Corte-vos Deus – amarguras,  
Deus vos de feliz a vida.  
Tende de Deus mil favores,  
A vida isenta de azares:  
Longe de vós os rigores,  
Longe de vós os pesares.

**24/10/1930**



## **A UMA SENHORA QUE ESTRANHOU A MUDEZ DE MINHA LIRA**

Nem sempre pode, Senhora,  
O triste irate ser poeta!  
A rima, as vezes, deserta,  
A lira queda insonora.  
Nos idos tempos de moço,

De vez em vez, eu poetava;  
Então, no peito pulsava  
Coração em alvoroço!...  
Se foram tempos risonhos!  
Se foram doirados sonhos...  
Ficaram decepções!  
Minha alma é cheia de penas,  
Já não tenho horas amenas,  
Magoas tenho aos borbotões!

**03/11/1935**



**- A VIDA –**

Mar encapelado de agonias,  
Oceano de luta e amargores,  
A vida é estendal de dissabores,  
Onde duram pouco as alegrias.  
Se aos lábios nos aflora riso leve,  
Logo vem a dor cortar-lhe o surto,  
Não deixando, sequer, um só minuto  
Passar inteiro, esse momento breve.  
Nessa estância de luta, anos e anos,  
Nesse viver de amargos desenganos  
Vai o tempo levando a criatura.  
Jamais, jamais prazer inteiro existe,  
Pois que, a desilusão a tudo assiste,  
Até nos encerrar na sepultura.

**02/01/1936**



## **CÉGO**

Não vê o surgir da aurora,  
Nem quando à tarde, escurece;  
Sol nem Lua lhe aparece.  
Sempre escuro a toda hora.  
Nada vê! Lhe é dura a lida...

Foi-se-lhe a luz, a visão:  
Eternas noites lhe são  
Todos os dias da vida.  
E' cego! Pesada noite...  
Da sorte cruel açoite  
Privou-lhe de toda luz.  
Viver assim... que desgraça!  
Da vida é amarga taça,  
Da vida é pesada cruz.



## DIA DAS MÃES

- Chorar? – Chorar sim, e sofrer!...  
- Que neste dia pode a criatura  
Sentir no coração, no sentimento?  
- Só dor... De dor a lágrima corre pura,  
De olhos pisados de magoa e de agonia,  
De saudades da Mãe que nos deixou  
No triste coração, pesar profundo,  
E se foi para Deus, onde ficou...

Dia das Mães... Triste contraste,  
De uns que podem rir, outros chorar;  
Uns com alegria as Mães abraçam,  
Outros já sem Mãe, são a penar.

.....  
Lágrimas, lágrimas ardentes,  
Lágrimas que brotam do coração,  
Saudades da Mãe que já não vive,  
Saudades que nunca mais se vão.

.....  
- Temos junto a nós a Mãe querida?  
Deus a conserve assim, bondosa e santa!  
Mas, junto a nós alguém soluça triste,  
Sem a doce Mãe que anima e encanta.  
Como rir assim, entre agonias?  
Como rir no luto que maltrata?  
Oh! vamos chorar as penas de outros seres  
A quem o luto martiriza e mata.

09/05/1936



## **TIRADENTES**

Inconfidente austero e destemido,  
Enfrentou sem temor a dura morte,  
Como herói, como bravo, como forte.  
Sem tristeza, com fé, sem um gemido.  
Dos amigos que a pena acabrunhara  
O perdão lhe causou contentamento!  
Mártir sublime! Não teve um só momento  
De renúncia à ideia que sonhara.  
Laureado, de nobre patriotismo,  
Viverá o seu nome larga idade,  
Como emblema de amor a liberdade,  
Como símbolo de força e de civismo.

**21 Abril 1938**



## **AVANTE!**

### **Ao Grêmio Passofundense de Letras**

Foco de luz que brilha no deserto  
E esparge clarões na selva escura,  
Apontas ao viajor rota segura,  
Iluminando a senda ao inesperto.  
Quem as letras estuda dedicado,  
Para delas a mina desvendar,  
E' em ti, centro de luz, que vem achar,  
Em rica beta, o ouro procurado.  
Mostras veio que os sábios vem cavando,  
E na vasta mina, os novos vem achando  
O ouro do saber que ilumina e eleva.  
Prossegue intermerato o belo norte,  
Que te traçaste, animoso e forte,  
Derramando luz na densa treva.

**22/04/1938**





## JEREMIADA

Moro só, num modesto chatôzinho,  
Em dois lances que bastam para mim,  
E barulho só tenho de um vizinho,  
De que estranho fazer barulho assim,  
Um casal, empregada e uma criança!...  
E, meu Deus! Que rumor e que batidas!  
E' bola, é tamanco, e roda, e dança,  
E soalho a tremer com as sacudidas!  
Tem um radio, leitor, tão barulhento (!)  
E que grita furioso e sem medida...  
Penso, as vezes, que em cima um regimento  
Já tem ordem premente de partida.  
Mas, vou indo "a Deus misericórdia...  
A esquivar-me de queixas pessoais,  
Pois sou velho que gosta de concordia...  
E, brigar? – Com ninguém, jamais, jamais.  
Deste modo, o viver corre perigo,  
Sob o peso que desce do sobrado,  
Onde mora gentil casal amigo  
Que, decerto não ouve este meu brado.  
Mas, prefiro viver acabrunhado,  
A querer arrelia com o vizinho...  
Se me queixo, meu Deus: velho danado,  
Tao ranzinza, esquisito, miudinho!

01/07/1941



## **AS GENTIS SENHORINHAS – LOURDES LANGARO E IRIS**

### **LIMA**

Quinze anos! Que bela idade!  
Nela é grata a mocidade,  
Que entre risos festejais...  
Assim, pelo tempo afora  
Deus vos dê, de hora em hora, z  
Mil momentos divinais.

Que sempre leveis a vida  
Em doce estância florida,  
Entre alegrias e flores;  
Que em meio a rosas virentes,  
Os anjos venham contentes,  
Trazer-vos santos amores.

E' isto que vos deseja,  
E' isto que vos almeja  
O vosso velho amiguinho.  
Embora sem ser presente,  
(Que o tempo lhe ao consente)  
Envia-vos o seu carinho.

**02/08/1942**

## **MUSA ANTIGA**

**Musa antiga** é uma secção que adiciona a este livro, como homenagem à memória de meu sempre lembrado Pai, falecido há quarenta e seis anos e que, em seus versos usava o pseudônimo – Avelar Bastos -. Dele me ficaram, apenas, estes versos. Os demais, que eram numerosos, extraviaram-se com a revolução de 1893.



## O CANTO DO ERVEIRO

(Veja a nota abaixo)

Ei-lo erguido no pau da congonha,  
Manejando afiado facção;  
Foi criado na serra tristonha,  
E' a lida de sua afeição.  
O erveiro da erva na lida.  
Não receia os amargos da vida.  
Breve aos galhos se vão enfeixando,  
Quando saem do sapecador,  
E os vão no carijó arrumando,  
Pra secarem com forte calor.  
O erveiro da erva na lida.  
Não receia os amargos da vida.  
Ali perto, a cancha se arruma,  
E se apressam pra erva moer;  
O erveiro na cancha só fuma  
Quando tem acabado o mister.  
O erveiro da erva na lida.  
Não receia os amargos da vida.  
Quando a erva está enocada,  
Sua vista ao erveiro consola;  
Nessa noite há dança rasgada,  
Há cantigas ao som da viola.  
O erveiro da erva na lida.  
Não receia os amargos da vida.  
Sendo a erva no cesto arrumada,  
Em que há de empregar faz ideia;  
Toma mate com a erveira adorada,  
Satisfeito conversa e frangueia,  
O erveiro da erva na lida.  
Não receia os amargos da vida.  
Eis a vida do erveiro na serra,  
Onde o tigre se ouve rugir;  
Porém, pronto qual homem de guerra,  
Ele o vai procurar e ferir.  
O erveiro da erva na lida.



Não receia os amargos da vida.  
O erveiro com a erveira a seu lado,  
Tendo frango e o seu chimarrão,  
O facão, a pistola, o machado,  
Nada mais quer o seu coração.  
O erveiro da erva na lida.  
Não receia os amargos da vida.

-:-

NOTA: Acrescento esta nota ao Canto do erveiro, como para esclarecer certos termos e costumes sertanejos, possivelmente, desconhecidos de alguns leitores.

O Canto do erveiro, sob o pseudônimo de Avelar Bastos, terá provocado, a curiosidade de alguns leitores, sobre incidentes e costumes da vida sertaneja. Vamos, pois, lembrar alguns velhos hábitos de nossos patrícios matreiros ( no bom sentido – moradores no mato), em tempos passados, acrescentando detalhes a essa canção.

**Congonha** – (Iles paraguaiense): É de cujas folhas se faz a erva-mate. Há diversas qualidades de congonha, quase todas medicinais. Nos velhos tempos e, raramente ainda hoje, os erveiros falsificavam o mate misturando-lhe, ao fabrica-lo – **cauna**, **caverá**, **sete-sangria** e ainda outras espécies, sendo as duas primeiras da mesma família. A cauna, muito amarga – a caverá, suportável e a sete-sangria, inconveniente, porque provocava desarranjo intestinal. Esta, parece, foi completamente abandonada.

A **caúna**, ainda há pouco tempo, era usada, mas, os compradores, do exterior, queriam-na separada para a mistura à gosto dos consumidores, alguns dos quais preveriam-na mais ou menos amarga, questão de paladar.

**Sapegador**: A erva é cortada em ramos providos de folhas, mas, um tanto longos para facilitar a **sapeca**. O **sapegador** é arranjado no próprio lugar do corte, no erval. O erveiro corta no dia a porção que levará ao carijó já sapecada enfardada para facilitar o transporte, em geral, no peso de cinco a oito arrobas e ainda mais. O sapecador consiste em qualquer tronco caído, encostado ao qual fazem o fogo de chamas vivas, em que passam ligeiramente os ramos, seguros pela parte grossa, ficando o operador (erveiro) do lado oposto do tronco, para guardar-se do



excessivo calor do fogo. Tanto a erva missioneira como a barbacuá passam pela sapeca. Sapecada toda a erva cortada, enfardam-na e... lá vão, à tarde, para o carijó com a carga às costas. É o serviço do dia. A passagem dos ramos pelas chamas deve ser rápida, para que não se queimem folhas: Folhas queimadas dão feio aspecto ao produto.

A secção da parte grossa dos ramos é feita ao enfardamento, e renovada no carijó quando preciso.

Quando em tempo seco, faltava certa humanidade nos ramos, tinham ali perto um balde com água onde mergulhavam antes da sapeca. Quando nos ramos havia brotos muito novos e que se queimariam no fogo, arrancavam-nos, para evitar pontos negros no produto.

**Carijó:** é ramada mais ou menos coberta, conforme o tempo e o volume do serviço, em baixo da qual, na altura de 1m80, mais ou menos, aramam os suportes com varas para colocação dos manejos de erva, de modo que o calor do fogo chegue até as ponta dos manojos. O calor deve ser forte, mas, muito cuidado para evitar chamas e faíscas que possam atingir os ramos, objetos da segagem.

**Segagem:** arrumada a erva no carijó, o erveiro prepara o fogo em baixo, evitando fumaça. Porque prejudica o sabor do mate. Alguns erveiros cuidadosos, fazem o fogo fora e conduzem as brasas para baixo da erva no carijó, embora demore um pouco mais a secagem; mas, o produto sai muito melhor e evita o incêndio. Seca a erva, é com cuidado retirada do carijó e seccionada a madeira grossa que ainda reste.

**Cancha:** Espécie de caixão de um metro de alto e cerca de dois e meio metros de comprimento, com as duas extremidades abertas, em cada uma das quais pode trabalhar um ou mais operadores, conforme as dimensões da cancha e o volume da erva a cancheiar. Os operadores (erveiros) trabalham com um facão de madeira, batendo na erva até deixá-la na grossura desejada. À maneira que vai ficando pronta, vão retirando, substituindo por novos manojos de erva seca. A erva já cancheada vai para o noque. Do noque é a erva acondicionada em sacos ou em cestos e está em condições de ser vendida aos industriais que, nos engenhos, reduzem a ponto de uso, moída.

Aí está o velho processo do fabrico da erva missioneira, com ligeiras modificações ocasionais.



Em velhos tempos, há cerca de setenta anos, quando um couro de boi valia três patacas (960 reis) ou Cr\$ 0,96 – acondicionavam a erva moída, em surrões, para exportação.

**Surrões:** Eram sacos de couro inteiro, ou meio ou quarto e mesmo menores, e também de retalhos. A estes, denominavam – macacos – que comportavam menos de arroba, até poucos quilos.

Para a confecção de surrões metiam os couros n'água e, depois que amoleciam, eram cortados e costurados com agulha de forme de sovela, ponta chata e cortante, curva, e tentos de couro cavalari (lonca), ou de barrigueira de couro fino. Enxurravam a erva nesses sacos ainda flexíveis (bem húmidos) e expunham ao sol até que secassem. Quando o tempo era chuvoso a secagem desses surrões era feita em galpões, ao calor do fogo que rodeavam com surrões a secas. Eis a erva missioneira de tempos idos.



## **NOVIDADE PARA MUITOS**

Nos lares pobres da serra usavam o mate, isto é, obtinham-no, tendo sempre, dependurados sobre o fogão, manojos de congonha, e quando queriam o amargo (chimarrão), tomavam alguns manojos de congonha já seca, a que denominavam – macacos -, e moíam a pilão. Tinham assim o seu amargo qualquer momento e... casal e filhos ingeriam essa tisana enfumaçada, e com ela passavam, às vezes, os dias de festa, comendo frango assado, cantando a tirana e repinicando o pinho (viola), alegrando assim o lar e as selvas, onde o jaguar vivia à solta, lançando o terror nas brenhas, e caindo, de vez em vez, na pontaria do matreiro ou no gume de seu afiado facão.





## **DEFINIÇÃO E PREPARO DO FRANGO**

**Frango:** Espiga de milho de seco.

**Franguear:** Comer **frango** assado.

**Preparo do frango:** Antes de ir ao fogo, aquecem-nos e passam-lhe uma **graxinha**, depois assam-no e, assim, diz um entendido: É uma delícia – macio e apetitoso.



## **NO ALBUM DE UMA MENINA**

Consentes, menina, que um velho exilado,  
Te grave umas letras nas folhas doiradas  
Do teu lindo álbum, mimoso, anilado?  
Vê bem, não as risques depois de gravadas!

Aos velhos teimosos, nas suas agruras,  
Só lembram desgostos, e gélidos frios!...  
Não queiras nem sombras de suas tristuras;  
Não queiras as cismas dos velhos sombrios!

Pertencem-te os mimos da quadra infantil;  
Sorrisos, folguedos d'ingênuo matiz:  
Menina formosa de modo gentil,  
Tem jus, tem direito à ideia feliz.

Há velhos que as vezes se mostram risonhos,  
Talvez recordando passagens d'outrora;  
Mas tu não os creias, são rápidos sonhos,  
Momentos alegres de pouca demora.

Traduz a velhice pesadas agruras,  
Amargas saudades, fraquezas e dores;  
Mas, eu para ti só quero venturas.  
Só quero os encantos de castos amores.

Que os beijos paternos, maternos abraços,  
Te afaguem, te dourem com mimos a vida,  
Que nunca se afrouxem os mágicos laços  
Do entes que adoras, menina querida.



## SAUDADES DE UMA MENINA

Tenho saudades da risonha infância,  
Quadra de brincos que passou fugindo!  
Tempo inocente de perfume e mimos,  
Misto de flores de matiz mais lindo!

Tenho saudades de belo céu sem nuvens!  
Daquele azul em que voar queria!  
Daquelas noites de luar tão lindo,  
Nas quais, sonhando, a meus pais sorria!

Tenho saudades dessa ingênua quadra,  
Em que gozamos maternais caricias.  
Em que os pesares nem sequer nos  
[lembam,  
Em que a existência só contém delicias!

Tenho saudades das manhãs serenas  
Em que, menina, só brincar sabia!  
Eram as vésperas d' inocência e risos;  
E então lembra-las, sem pesar podia!

Tenho saudades dessa paz d' outrora,  
Em que vivia sem sentir cuidados!  
Em que ventura me doirava os dias,  
Dando-me aos sonhos mil painéis doirados!

Tenho saudades de meus pais queridos,  
E mais pessoas a quem sempre amei!  
E desses sítios onde fui nascida,  
Formosos sítios que a chorar deixei!...



## AO NATALÍCIO DE UMA MENINA

Menina, se eu fosse feliz jardineiro,  
As mais lindas flores te vinha ofertar,  
Dispostas com arte, com bela elegância,  
Tua linda madeixa iriam ornar.

Seu viço e lindeza, seu mimo e perfumes,  
A teus belos dons se iriam juntar,  
Com seus mudos cantos, graciosos divinos.  
Teus anos viriam também festejar.

Se tu fora poeta quem lira doirada  
As cordas sonoras soubesse tanger;  
Cantava teus dotes de pura inocência,  
Teus anos cantava com muito prazer.

À graça das flores juntava meus cantos,  
Num hino de preces de mago poder;  
Em sons tão festivos que a mente prendessem,  
De toada bem linda, pra nunca esquecer.

Se eu fosse um profeta vidente inspirado,  
Te vaticinava subida ventura  
Que as tuas maneiras, singela urbanas,  
Juntasse a dita da vida mais pura.

E quem em lindo porvir, os teus natalícios  
Suaves corresse em mar de venturas;  
Que fossem teus dias uns mimos doirados,  
Natais jubilosos de sorte segura.

Não sou jardineiro, nem poeta ou vidente,  
Apenas sou velho que odeia os enganos,  
E grato a teus pais, com gosto festeja  
O dia jocundo de teus quinze anos.

**- ANÁLIA -**

Tu és, Anália, odorante rosa,  
Bela e mimosa, a respirar frescura;  
Teu porte serio, teu olhar que enleia,  
Conduz a ideia a reflexão mais pura;

E és a estrela que precede o dia,  
Luz e alegria de alvorada linda;  
És Anjo, és Ninfa desvendando prismas,  
Fada de cismas, quando a tarde é finda.

Solene instante dessa dúbia luz,  
Que só produz, um refletir tristonho;  
Mas que, Anália, na estação das flores,  
Muda em dulçores, com olhar risonho.

Qual ave esbelta a descantar saudosa,  
Na serra umbrosa, naturais primores,  
Assim, Anália, se o falar levantas,  
Em torno encantas, despertando amores.

És mimo, és graça, és expressão que ensina,  
És branda Ondina, amenizando os lagos,  
Teu rir modesto, teu tratar urbano,  
São contra engano, suspirando afagos.

Enfim, és astro que o pensar me alenta,  
Porque sustenta que jamais iludes,  
No peito encerras singular tesouro:  
São mais que o ouro, as reais virtudes.



## LUNDU

Não estranho tenha o mundo,  
Extravagantes ideias;  
Não sendo assim, que seria  
De certas mocinhas feias?

Uns gostam mais do doirado,  
Outros do alabastrino,  
Muitos rosa desmaiado,  
Alguns de preto lustrino.

A variedade  
Faz a beleza  
É lei, é ordem  
Da natureza;  
E se não fosse  
A cousa assim,  
Ninguém os olhos  
Poria em mim.

Quem uns vida afanosa,  
De trabalhosa canceira:  
Outros de pensar diverso,  
Desfrutar vida fagueira.  
Uns gostam das tempestades,  
Que nos assaltam no mar;  
Outros, das suavidades  
Que nos da o doce lar.

A variedade  
Faz a beleza  
É lei, é ordem  
Da natureza;  
E se não fosse  
A cousa assim,  
Ninguém os olhos



Poria em mim.

Assim também em política,  
Há gostos de várias sortes,  
Uns gostam de paz e ordem,  
Outros de massacre e mortes.

Gostam uns de tiroteios,  
Pancadaria e facada,  
E tem alguns por receio,  
O incêndio, a navalhada.

A variedade  
Faz a beleza  
É lei, é ordem  
Da natureza;  
E se não fosse  
A coisa assim,  
Ninguém os olhos  
Poria em mim.

Eu cá, aprecio tudo,  
Não quero ter opinião;  
Sigo o voto mais geral  
E sossego o coração.  
Assim se cortam barulhos  
Que nos confundem as vidas  
E evitam-se os sarrabulhos,  
As contusões e as feridas.

A variedade  
Faz a beleza  
É lei, é ordem  
Da natureza;  
E se não fosse  
A coisa assim,  
Ninguém os olhos  
Poria em mim.



## **SEGUNDA PARTE - PROSAS –**

“Prosa” constitui a segunda Parte destas preocupações do espírito, nos lazes de cerca de sessenta anos. Abro-a, justamente com o primeiro artigo transcrito de meu velho Memorial.

Estes escritos foram trazidos para aqui, seleccionados, mas, sem ordem, cronológica e, de mesmo modo lançados nesta secção, sendo cada um, portanto, peça independente, sem ligação entre si, a não ser acidentalmente, num ou noutro sentido.

O amigo que motivou o primeiro artigo, está, agora, grisalho, mas, com o mesmo vigor daquele tempo, a mesma disposição de espírito e os mesmos sentimentos de medico hábil e humanitário. É um dos excelsos expoentes de nossa elite social.





## **TRAÇOS MASCULINOS**

### **- Enigma biográfico –**

Longe de meio século cerca de dois rastros, o nosso biografado tem o vigor dos vinte e cinco anos, a energia dos trinta e a reflexão dos cinquenta. É forte e ponderado. Descendente de notável família paulista que exerceu, desde o primeiro império, acentuada ação política, mantém os mesmos traços de valor e nobreza de seus antepassados.

Homônimo de papas, imperadores, reis e santos, o distinto brasileiro e infatigável político, exerce, com reconhecida competência, a nobre profissão que teve por patrono célebre entidade mitológica, à qual os romanos erigiram um templo em uma ilha do Tibre.

Tem predileção pelo majestoso que atrai e inebria, e é capaz de morrer em adoração ao que seja síntese de nobreza.

Na pujança dos bons anos, aureolado, por valiosos serviços à terra natal, caráter sem jaçá, tem mostrado em política – energia e ponderação, e em sua profissão – vastos conhecimentos.

Infatigável, embora assoberbado de clientes (políticos e doentes), ainda os seus múltiplos afazeres deixam tempo para desenvolver a sua atraente verve.

É o decano dos médicos de Passo Fundo – E, como muitos dos leitores não terão decifrado este enigma, aqui o solucionamos:

O decano referido é o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, humanitário e provector médico.



## **PSICOLOGIA DO SENTIMENTO**

Ante nossos sentimentos, é lamentável que o homem seja indiferente às desventuras de seus semelhantes. Mais de uma vez, fiz disto referência a amigos, notando que, a todo momento o homem encontra o infortúnio impresso nas faces de criaturas, nossos irmãos, e continua seu caminho, egoisticamente, pensando em si, sem avaliar a dor física ou moral de que são presas nossos semelhantes. Mas, como há de o homem solidarizar-se com os sofrimentos de outrem, em todos os casos? – Pelo lado material não é difícil a solidarização econômica. O homem já trabalha para esse grande desideratum e oxalá não tarde a vê-lo vitorioso. Pelo lado moral o assunto reveste-se de dificuldades, agora insuperáveis. Entretanto, o sentimento da fraternidade humana não ficará completo, enquanto formos indiferentes à mágoa e a dor, que assestam seus desoladores raios sobre as criaturas.

A morte que é o bem ou o mal supremo do homem, não devera ser acolhida sob o doloroso aspecto com que a recebemos.

O espiritismo, neste sentido, tem mais salutares doutrinas: Dos que nos deixam deve ficar só a saudade resignada, que nos conserva em contato espiritual com os entes queridos que desapareceram.

São, pois, as doutrinas espiritas mais concentradas com os princípios de humanidade pregadas por Cristo.

Praza Deus que o Espiritismo vá conseguindo implantar suas doutrinas nos sentimentos de toda a humanidade, para que o homem tenha completado sua missão sobre o Planeta: "Amar ao próximo como a si mesmo". Sofre uma criatura tremendo, doloroso golpe em seus afetos, com o desaparecimentos de um ente querido... A dor é rude, todas as fibras do coração vibram dolorosamente, destruindo todas as alegrias... Ora, se os sentimentos da humanidade estivessem afinados nas mesmas cordas, o que seria da raça humana em perene ambiente de pesar e de mágoa?

- Impossível, ainda, a solidarização absoluta dos sentimentos humanos, entretanto, se as doutrinas espiritas conseguirem a vitória, dominando os sentimentos, ira desaparecendo o terror a morte e, quando a foice implacável ceifar uma vida, só terão, as criaturas, o sentimento da saudade, suavizada pelo convívio afetuoso dos que ficam, pois que, do

extinto só fenece a matéria: O princípio vital, o espírito, permanece e integra-se no Espírito Universal.

- Mas, hoje, que o nosso Eu não está ainda, saturado dessa salutar doutrina, quando a morte na leva um ente querido que nos mora no coração, a nossa mágoa é tão intensa que torna penoso o lenitivo. Vitorioso o Espiritismo, a completa confraternização humana será ideal perfeitamente realizável. Então, valerá a pena viver, porque terão desaparecido da face da Terra, a ferocidade humana e o egoísmo que envenena os sentimentos.

**1931**

## FATOS E OPINIÕES

### (Firmas ilegíveis)

Perante a lei, para ter valor uma firma, não é necessário que seja legível. Basta que constitua a forma pela qual seu titular sempre a expressa, em todos os atos. É legal pois, qualquer **hieróglifo** que se queira adotar como firma, uma vez que seja esse sinal, uniforme, constante, de todos os tempos. Mas, nem por isso, ficamos inibidos de emitir nossa opinião sobre esses sinais como firma. Todos que sabem ler e escrever praticarão ato louvável, escrevendo seus nomes de modo que toda gente os possa ler, o que não acontece em relação aos ilegíveis.

Os que conhecem o sinal sabem o nome que o caracteriza, mas, os que não o conhecem, ficam como quem olha para as enigmáticas inscrições egípcias – **em jejum**. Muitos que assim assinavam, já compreenderam que é conveniente, indispensável mesmo, pospor-lhe a **decifração** datilografada. Estes procedem com muito acerto, visto que, a leitura de sua firma, sem isso, não podia ser feitas por todos.

Grandes homens se fazem notáveis por esses enigmas e tem nessa prática inúmeros seguidores: As firmas hieroglíficas são numerosas entre grandes e pequenos, e em todo o mundo são usadas, o que não impede de sermos contrários a esse esquisito prazer de embrulharem o leitor nos meandros dessas garatujas inexpressivas.

Não censuramos: toda gente tem o direito de escrever seu nome como mais lhe agrade. Além disso, não há lei que o proíba. Não se magoem conosco, por isso, os amigos desses desenhos multiformes. Repetimos: Não censuramos, apenas emitimos nossa opinião para darmos umas liras aos jornal.

1930

## CENAS DA VIDA

Arrebata-se a pais carinhosos uma donzela, rouba-se-lha às carícias do lar em que é princesa, jura-se-lhe amor eterno e promete-se-lhe o paraíso terrestre... Ela, confiante na felicidade, liga-se ao ente de sua predileção, entra no suspirado ninho e aí, dedicada aos deveres que a nova situação lhe assinala e que, com alvoroço, cheia de alegre carinho, enfeita, engrandece e eleva, é feliz e aguarda, ansiosa, a vinda de elos que lhe eternizem a felicidade... Seus cuidados se multiplicam, mas, com o riso nos lábios esparge no querido lar – amor e carícias.

Depois... depois, chegam criaturinhas adoráveis, os filhos, e eis acendidos mais intensos os sentimentos que ligam duas criaturas por toda a vida...

Ah! Mas nem sempre o amor se eterniza, e vai se apagando no coração do esposo, que jurara amor eterno e prometera um ninho onde a vida, lhes correrias entre os risos que a prole faz multiplicar cheia de infantis atrativos... Depois... depois o infortúnio entra, sorrateiro, pelo lar a dentro!

O gênio do mal satura, de indiferença o coração do homem, sempre e sempre a causa máxima de íntimos dissídios. Satan ronda onde a felicidade tem guarida, e insinua-se no coração do esposo e, arranca-lhe fibra a fibra, o mais nobre sentimento humano – o amor, síntese de todo o Bem! Satan, nesse empreitada sinistra, derroca o que o afeto constrói e infiltra a indiferença no coração de sua vítima que, afável ontem, ríspido hoje, transforma o lar antes feliz, onde arrulhos de amor soavam como música divina, em estância de penas e de lágrimas, onde range a indiferença em cada canto e “chora em cada canto uma saudade” de dias felizes. Então, dos filhos órfãos de carinhos, ir-se-á a felicidade, ruindo-se-lhe o lar paterno...

Negra a noite de manhã de rosas, se não ressurgir nova aurora de amor e carícias.

Sente-se confranger o coração, arrasarem-se os olhos de lágrimas que brotam incontidas, ante tamanha crueldade do coração humano... do coração do homem... que o da mulher raro sofre indiferença pelo companheiro que elege.

## RARIDADES ANTROPOLÓGICAS

O altruísmo, excelsa qualidade que enobrece o caráter do homem a quem, em nossa campanha pró-cooperativismo, temos atribuído como inato tal sentimento, apresenta, para honra da raça humana, nobres espécimes sociais. Este alto predicado torna o homem favorável ao cooperativismo – agregado também excelso, e pelo qual nos temos batido com ardor. Isto nos tem levado a crer, em nossa raça, este distinto realce de caráter, reconhecendo-o em belo número de criaturas, e estimulando a generalidade a abraçar, o fraternal conjunto social e econômico, que é a Cooperação.

Há, efetivamente, nos caracteres de completa formação moral, indivíduos portadores desses nobres sentimentos, embora em minoria, mas predominando pela confortante ação social.

A maioria, de sentimentos precários, egoístas, jamais terá o predomínio da sociedade que, só pode avançar para o Bem, conduzida por personalidades que se enquadrem no altruísmo. Esta apreciação, entretanto, não inibe, de se reconhecer existirem tipos que, à mingua de predicados nobres, manifestam sua origem simiesca, irracional, pela ausência de atributos de fraternal atuação. Estas excrescências ancestrais que, com os milênios passados, deveram ter sido já absorvidas, anuladas, modificadas pela predominância de elementos sãos, ainda, lamentavelmente, exercem certa ascendência social, com prejuízo da completa extinção dos sinais de nossa origem de símios, **quid** deprimente dos retardatários ainda entre nós. Dentre estes há o **fundo da vasa**, a escoria, bípedes, irracionais, tristes exemplares que a civilização e o progresso, com o indispensável concurso da educação farão desaparecer.

Os remanescentes de tais caracteres são, felizmente, esporádicos, raros espécimes da raça humana: são tipos retardatários em fase de desaparecimento... mas, os há ainda, para vergonha da humanidade.

16/01/1934



## QUADROS EDENICOS

### Anjos terrestres

Criado o homem, esse Adão darvinico, cabeça e corpo cheios de pelos ásperos, rude no trato, ainda hoje se a educação não lhe tiver passado a escova civilizadora, durante a mocidade, é brutal mesmo assim, se o coração não tiver sido saturado pelo magico filtro da bondade.

Adão, peludo e sorumbático, andava de um a ouro extremo do Paraíso, mudo e triste, sem mesmo compreender as maravilhas da criação.

Árvores de fresca sombra, regatos fluindo docemente por todas as veredas, surpreendentes silvedos, carregados de flores e de frutos, e outras esplendentes belezas, não atraíam a alegria do Adão.

Por toda a parte, animais vários, dóceis uns, arredios outros, percorriam o Paraíso em todas as direções; pássaros multicores entre remagens virentes, cantavam e vojavam, dando movimento e vida à paradisíaca morada.

Mas, Adão, taciturno e inerte, não despertava! No sombrio isolamento... E Deus, de seu Divino Trono, via que à sua criatura faltava a alegria de viver. Adão definhava, Adão iria sucumbir. Deus, penalizado de tamanho infortúnio e receoso de que Satan aproveitasse do isolamento de Adão, veio dar-lhe a meiga companheira. Então, Deus desceu ao Paraíso, tomou nosso avô pela mão e fê-lo percorrer todo o Eden, instruindo-o sobre todos os atraentes panoramas que ali se estendiam em todas as direções. Mostrou-lhe a árvore do fruto proibido e, quando em meio de esplendente e florido bosque, colhe a mais linda das flores, leva-a aos lábios e, ungindo-a com o seu verbo criador, disse: "Vive!" E, como de jardim encantado, aparece Eva, bela e afetuosa, atraente e divina, entre humana e santa, mais santa que humana! E Deus disse a Adão: "Aí tens a companheira para as alegrias e para as magoas, para a vida e, para a morte. Sede, bons; ganhais a Glória. Enchei a Terra de boas criaturas; enchei a Terra de harmonias e de flores!"

E subiu ao Céu deixando o Paraíso saturado do sutil perfume de mimosas flores, vivificadas por suaves e divinais eflúvios.

.....

.....

Satan, porém, já rondava sorrateiro, e a serpente já se deslizara solerte, por entre as frescas relvas paradisíacas. Já havia divisado a árvores do fruto proibido e enroscara-se **de manso** nas espessas remagens para, em momento asado, saturar os sentimentos e o coração do par edênico, com o fluído de sua peçonha maldita.

.....  
.....

Desviado do bom caminho, o edênico par, imerso empenósos sofrimentos, deixou o Paraíso. Seus herdeiros, andamos neste vale de lágrimas a sofrer as agruras da existência, sempre árdua, conquanto amenizada por essa criatura, diretamente saída das mãos do Criador, para dar ao mundo um pouco da **alegria de viver... de viver!**

Benditas sejais, criações divinais, que dulcificais a Vida com o cicio de vossas preces, com os mágicos eflúvios de vossos carinhos e a evangélica bondade de vossos corações... Benditas sejais. Que os anjos bons vos tapetem de flores a estrada da Vida, e mágicos silfos vos saturem o ambiente de melodias celestes!





## DEPOIS DE ADÃO...

Depois... depois... séculos sem conta se escoaram na ampulheta do tempo, e a humanidade cresceu... e veio a civilização. Mas, o gênio do mal, acompanhando o homem em todas as fases da vida, a cada novo par procura rodear de teia insidiosa, para que em cada lar a Discórdia achei sempre uma frinche aberta, por onde envenene o ambiente onde a felicidade devera florir fagueira, em coro de caricias, em risos de alegria sã, ante a prole de despreocupada e feliz.

A vida devera ser assim, em perpétua e grata e doce convivência.

Assim devera ser a vida; assim devera viver o par humano, dulcificando a existência, assim devera a criatura minorar as penas impostas pela fatalidade da luta quotidiana! Mas, o que vemos? – O que se depara a nossos olhos, de quando em quando?

- O retorno do homem à animalidade, fraudando os mais sagrados deveres que contrai quando, de lar feliz leva a jovem querida, a dona de seus doces sonhos de amor, jurando-lhe dedicação e perpétuas caricias para... depois... dali a pouco, esquecer esses juras e inundadas de lagrimas o lar enlutado pela infelicidade dessa meiga criatura. Tirá-la da mansão feliz de seus pais, onde vivia em carinhoso ambiente, para saturar lhe a alma de desilusões e dolorosas mágoas – é inominável crueldade!

São feras caracteres que não trepidam em atirar suas vítimas a ante-camera da morte, entre desenganos e lágrimas que desfolham as flores de suas ilusões do tumulto que suas mortas esperanças. Tais homens merecem o repúdio da sociedade.

Se o homem que leva do paterno lar a mulher a que prometeu eterna felicidade, se compenetrasse do sangrado compromisso que assume antes a Lei, ante a Religião e ante a sociedade – o lar seria eterno paraíso, onde, mesmo as mais severas contingências da vida, encontrariam lenitivo junto à carinhosa e querida consorte.

.....

.....

Ah! Satã... Satã, que rondas, constante e fero, a criatura humana para atirares-lhe ao coração o fel de tua peçonha nos espíritos dúcteis que derivas para o mal... Satã, Satã – um dia, os Anjos bons estenderão suas protetoras asas sobre tuas vítimas, e o teu reino ruirá... e sobre ti se



fecharão as portas do purgatório e à humanidade se abra o Paraíso que à tua fera inspiração o homem deixou!

## RECORDAÇÕES

Quando moço petei. De quando em quando, rimas desataviadas de beleza, traduziam mágoas e traduziam alegrias, conforme o panorama em que passeava a minha imaginação.

Ah! Tempo em que o afeto de entes amigos me era companheiro, no lar de meus saudosos pais, quando solteiro, casado, no meu próprio lar, hoje deserto pela fatalidade da morte que me deixou vazio, e a mágoa como minha constante companheira.

Agora, a rima da mocidade desapareceu nas negras dobras do passado, deixando a visitarem-me de quando em quando, felizes recordações que pouco duram, porque, as saudades dos dias idos, irizam de lágrimas esses rápidos instantes. O poeta sumiu-se no passado e surgiu o anacoreta, que lembra-se do Parnaso, sem poder alcança-lo, senão rápidos momentos, recordando os risos da poesia moça. Ah! Como é sombria a vida do ermitão: Constante nuvem de mágoa lhe paira teimosa sobre a cabeça que o tempo nevou!... nuvem que não se esvai, neve que a morte dissipará.

Ah! Tempo que nos ceifas as alegrias, lanças em mar de angustias as recordações do passado e nos enches o coração de lágrimas que irrompem ardentes, correndo entre sulcos que tu mesmo, tempo cruel, vais cavando impiedosamente. E tão mau és que escondes o vagaroso Lethes onde podíamos afogar a tristeza e voltarmos aos velhos tempos, antes que a Parca inclemente nos viesse cerrar os cansados olhos...

Ah! Mas sem visitarmos o reino da Morte, sem passarmos pela pira da purificação de além túmulo, a mocidade não voltará... não voltara...



## **O CAMINHO DA VIDA**

### **Penosas realidades**

Estrada sinuosa, cheia de escolhos e precipícios, panoramas sombrios, passageiras alegrias como rápidas miragens, é a rota que percorre a criatura humana, em sua peregrinação pelo Orbe que habitamos.

O ciclo de nossa existência, ora circunscrito a limitadíssima duração, ora se dilatando à mercê da fatalidade imposta pelo Criador, tem existência indefinida de um minuto a um século ou mais, vazio de felicidade duradoura. Esse tempo é veloz, é um instante, um sopro rápido no correr dos séculos, e carregado de espinhos que vai semeando em nosso caminho.

Há criaturas que surgem á vida e logo tombam no seio da eternidade, como plantas que, ao surgirem á luz, são crestadas pelo simoum da morte.

Outras, ainda em plena inconsciência, caem pouco adiante, vitimadas por igual fatalidade.

Outras, na juventude já se insinuando nos primeiros rudimentos de sua missão sobre a terra, são levadas pela Parca inexorável. Em plena mocidade, com o espírito cheio de ilusões e o coração cheio de esperanças, desaparecem outras a beira do caminho e, com elas, a promessa de futuras alegrias e doiradas ilusões.

Adiante, ainda outras, na idade da reflexão, conhecedoras da realidade da vida, com as saudades da mocidade a fustigarem-lhes os corações, pisando cardos, - a fatalidade atira à sombra de um cipreste.

Algumas, já na madureza, em pleno conhecimento das escabrosidades da existência, vítimas, as vezes, de infortúnios penosos, cansados de luta cruenta, são arrastadas pela morte, quando a vida já pertence a prole, quando sua falta já enche de lágrimas – olhos de seus olhos, e de mágoas – corações de seu coração.

Outros, escapando dessas primeiras etapas do caminho, não se escapam da infalibilidade da implacável Atropos que não falta à sua missão transformadora, separando da matéria o espírito e deixando à terra o que da terra é, levando para a eternidade o que à eternidade pertence.

Velhos que não chegam à senilidade e à inconsciência final, sucumbem levando os corações lacerados pela lembrança dos entes queridos, que deixam em lágrimas de dor e de saudades.

Felizes o que desaparecem, no ultimo marco, onde chegam já sem noção da morte que os leva, nem das saudades que deixam aos entes que os idolatram.

Rara é a criatura que não sinta lampejos de felicidade, momentos de alegria, instantes de prazer; mas... felicidades passageiras, alegrias fugasses como miragens enganadoras que se esvaecem nos deixando imersos na realidade da vida, que se constitui de decepções, magos, ingratidões e sofrimentos de toda espécie, físicos e morais, suplantando os instantes de felicidade que, por ventura, doirem uma existência.

Flores? Flores em nosso caminho? – Quando algumas raras pétalas divisamos na estrada da vida, logo o sopro da adversidade as arrebatam, deixando cardos que nos dilaceram até o fundo de nossa alma, até a ultima fibra de nosso coração afogado em lágrimas pelos que nos deixam neste vale de sofrimentos.



## LÁGRIMAS

Às ilustradas professoras e às estudiosas alunas do Instituto Ginásial.

\* \* \*

Eu vos devo uma Palestra que justifique a minha sensibilidade, diante de fatos que nos cheguem à alma tangidos pela impressão de grato acontecimento, vibrando sensíveis cordas do coração.

Velho, cuja longa vida tem sido ferida, por vezes, nos mais íntimos recessos do coração; que vibra de pesar ao mais leve ferir dos sentimentos; que vibra de pena à vista do infortúnio que pesa sobre os infelizes; também sente borbulharem-lhe lágrimas à presença de alegre entusiasmo: aquelas, lágrimas de mágoas, estas, lágrimas de prazer.

De uns e outros acontecimentos tem o coração sofrido as, ora penosas, ora gratas emoções. Coração assim saturado de desilusões e de pesares, de gratas emoções e de magoas profundas, não tem mais vigor para rir, mas tem temporadas para chorar amarguras, como para chorar alegrias.

Se o momento é grato, se a causa é de alegria, o coração chora de prazer, porque, a lágrima que já domina o ser, está a flor dos olhos e flui pelo influxo da mágoa, como pelo influxo do prazer! Mas, ficai certas distintíssimas professoras e estudiosas alunas, que vem vosso ambiente que Cristo abençoa; em vosso ambiente onde as lições os exemplos defluem cheio de maternais carícias, insinuando-se afetivos nos espíritos juvenis; em vosso ambiente assim saturado de bondade; nesse ambiente onde a infância se compenetra de seus deveres e recebe, com a alegria no coração, as salutares lições de civismo e de amor aos preceitos cristãos, a par das lições de letras a que se dedicam atentas; num ambiente assim, as lágrimas são sempre de prazer intenso, pela previsão de belo raiar da aurora de amanhã, trazendo em seu dealbar o doce fruto de nobres ensinamentos.

Vós distintíssimas professoras, vós estudiosas alunas, todas vós professoras e alunas, filhas diletas do Altíssimo, vós em que o Criador de todas as coisas, depositou eflúvios de bondade, de amor e de caridade, sabeis que o coração chora de penas, como chora de prazer: penas que nos deixam o coração em chagas; prazer que nos enche o coração de risos.



Quando um orador sensível, chorar lágrimas de alegria, ouvireis o riso trilar em seu coração... Lágrimas de penas ele as chorará sozinho, fugindo de encher-vos a alma de mágoas... Mágoas bastam as que nos surpreendem na áspera estrada da vida! Estas, Deus vo- las transforme em lágrimas de alegria, espargindo flores em vosso caminho.

## **A MULHER E O COOPERATIVISMO**

Temos dito muito, sobre o cooperativismo e, não se diga que não temos feito referência à mulher, em relação a este magno assunto. Quando falamos no homem como criatura humana, está claro que conjugamos os dois seres que constituem a espécie. Hoje, porém, dedicamos este artigo, especialmente a mulher, porque, a ela mais interessa a felicidade coletiva, visto que ela é quem mais sofre com a imprevidência de seu par. É justo, pois, que nos de o concurso de suas luzes, de sua boa vontade, se seus esforços, para que o cooperativismo se desenvolva com o seu apoio.

Constitui a mulher, mais de metade do gênero humano, trabalha para gozar dos mesmos direitos outorgados ao homem, porque julga-se capaz de desenvolver a mesma capacidade intelectual, a mesma aptidão para a luta pela vida. E dessa competência intelectual, a mulher tem dado exuberantes provas no campo da ciência, das letras e da economia. A sua capacidade, em todos os tempos e em todas as emergências da vida, tem dado notáveis demonstrações de vitalidade que não se abate aos maiores revezes. Há delas, numerosas heroínas, sublimes mártires.

A mulher é por índole, contrária a dissensões que separam homens e povos. Deve, portanto, prestar seu concurso ao cooperativismo que é o símbolo da harmonia e da paz. Isto, pelo lado social, afetivo.

Vamos também o lado material, econômico: O cooperativismo com as instituições que lhe são conexas, garante a abundância. Ora, nem uma outra instituição pode criar melhor ambiente de felicidade coletiva. Cabe, pois, à mulher papel preponderante no movimento cooperativista que se agita em todo o País, cheio de fé em futuro de fraternidade e concórdia.





## **- O JOGO –**

Em constante atividade de ação demolidora, o jogo avassala todos os recessos da sociedade, infiltrando nos lares, nos clubes, em toda a parte, as suas satânicas artimanhas e, como gigantesco polvo, atinge a economia particular – destruindo-a; atinge os bons costumes – eivando-os de nodoas indelévels; ferindo a moral social e privada – maculando-as, suprimindo-as!

De todas os agregados de Ordem, de Trabalho e de Harmonia, cada dia um ou mais elementos contaminados, desertam o bom caminho e seguem a onde dos que se pervertem.

Todas as classes, com raras exceções, em cada dia que passa, perdem um ou mais membros doentes arrastados ao tervelinho da jogativa. E dos lares invadidos pela eiva devastadora, caem pais e caem filhos na voragem deprimente. Nas oficinas, nos atelieres, nos clubes, em toda a parte, o morbus do baralho, das fichas e de queijandos aparelhos, contaminam os fracos e atiramos ao torvelinho do vício.

Neste andar, com tais disposições, amanhã, as nobres exceções que ainda honram a boa sociedade, desapareceriam, porque o contágio os iria arrastando para esses centros deprimentes, se não se levantasse forte reação contra essa terá... E adeus moral social, adeus nobreza de caráter, adeus lares de outrora, onde nossas mães, com roca e fuso entre os dedos, cantarolando preces cristãs, nos faziam dormir em ambiente de Paz e de Benções.

Mas, graças a radicais transformações porque vai passando a sociedade, já, nítidas nos horizontes se desenham auroras promissoras.

A reação pelas leis e pela tendência atual da orientação da sociedade me todos os departamentos em que se agita a criatura humana, irá trazer tempos áureos. Da educação da juventude de hoje, ir-se-á operando a metamorfose. Concorrerão para o surto dessa transformação os atuais métodos de ensino, providos de seletos educadores, sob regimes que a experiência vem mostrando e que as leis vem firmando na prática quotidiana.

O vírus de jogo e queijandos vícios irá caindo sob o guante da moral e do trabalho proficuo, que engrandecerão a Pátria e nobilitarão a sociedade.



## ARREPENDIMENTO É SALVAÇÃO

De quando em quando a fatalidade atira na senda do vício, uma criatura que a desgraça assinala para sua vítima.

Quem há que, de uma ou de outra forma, não tenha sido atingido pelo erro? Quantas presas do infortúnio não se tem reabilitando perante a sociedade, voltando ao bom caminho?

A sociedade assiste, todos os dias, nas choupanas dos pobres, como nos palácios dos ricos, em toda a parte, fatos contristadores, vitimando distintos de seus membros...

- Cai uma vítima?

- Não aumentemos, com o nosso repúdio, o fragor da queda, impelindo-a para o abismo!

Auxiliemo-la a afastar-se da negra voragem!

Concorrer para que lhe sejam vitoriosos os anseios de regeneração, é dever de toda a criatura humana que sente o pulsar de coração generoso: Fustigar a vítima, recusar-lhe o direito de viver entre os bons, é a maior das crueldades, é lançar o desespero na alma infortunada, é atira-la ao abismo a que, incauta, irrefletida se aproximou! Afastá-la do abismo é dever de todos os que praticam os doutrinas de Cristo.

Tenhamos consideração do infortúnio e não corremos nossas portas aos desamparados: Não neguemos o nosso amparo aos que o procuram; demo-lhe o nosso acolhimento; auxiliemo-los a afastarem-se da voragem. Não desprezemos aos que anseiam pela regeneração. Esforcemo-nos para que voltem ao bom caminho! Antes de atirmos a **primeira pedra**, saibamos se de nossos antepassados não há nome poluído... Vamos à Sibila que desvenda o futuro e perguntemos-lhe se nossa estirpe irá eternidade afora, com o nome imaculado.

Olhemos para trás, olhemos para frente e não releguemos quem se regenera: seu contato não envenena – previne; a lembrança de seu erro, não vicia – premune.

Olhemos para o presente e veremos que a desventura não seleciona presas e vitima as que vestem púrpura, como as que se envolvem em grossos tecidos! Lembremo-nos de que dos palácios dos reis às mansardas dos pobres, o gênio do mal espeita, de cada canto, a incauta vítima que passa descuidada, para atirá-la no torvelinho nefando e, daí, do palácio ou da choupana, indistintamente, precipitá-la no abismo.



## O “H” NA NOVA ORTOGRAFIA

Lemos na “Federação” um **suelto** do “Jornal do Brasil”, em referência ao H na ortográfica atual. Em parte estamos de acordo. Os novos moldes ortográficos rebelaram-se contra a etimologia, no louvável propósito de dar ao País, grafia acessível a toda gente. Não se justifica, pois, grafar **hoje** com **h** e **ontem** sem **h**. **Hontem** como **hoje** deviam continuar grafados com **h**, uma vez que esta consoante muda ainda se mantém no princípio de palavras.

Quando se deve empregar o **h** mudo no principio de palavras? – Quando se deve suprimi-lo? – Só os etimologistas poderão esclarecer o caso. E foi, certamente, por essas dificuldades que se reformou a grafia sem preocupação etimológica. Adota-la nuns casos e repudiá-la em outros, é meada só para os eminentes nas letras. O **h** mudo devia ser abolido, como aconteceu a outras consoantes, quando sem valor fonético.

Foi privilegiado o **h**; só o relegamos no meio e no fim dos vocábulos... e nos casos como **ontem**.

Será por amor à estética que o deixaram no início de palavras? – não vemos razão para este privilégio ao **h** mudo, visto que, abolido o étimo pela nova evolução gráfica, não devemos recorrer a ele para darmos diploma de distinção ao **h**... mas resolveram os mestres – obedecemos.

Só aos filólogos que estudam os elementos e história da formação do idioma, cabe o sábio mister de escavações nos meandros etimológicos. Nos outros, grafemos como nos ensinam, pela nova forma, sem nos preocuparmos com a origem dos vocábulos.

Temos visto sempre **hontem** grafado com **h**. Agora a nova ortografia, nos carrega o **h** de **hontem** e deixa o **h** em **hoje**, **homem**, **herói**, **humano** e **tuti quanti** vinha trazendo o mudo **h** às costas, para continuar o embrulho ortográfico.

Se se assentou demitir de seu ofício, outras consoantes mudas, para que nos deixam esse **h** a apoguentar a nossa ignorância?

Logo o **h**, a letra mais vadia do alfabeto, é que teve a honra da distinção, embora de início, declare a Reforme: “Nenhuma palavra se escrevera empregando consoantes que se não pronuncie.”.

Pobres outras consoantes mudas, foram despedidas da **sociedade** sem uma carícia qualquer... Felizardo o H!



Eliminado o **h** no princípio de vocábulos, esteticamente falando, pareceria conturbar a vista e arrevesar o sentido da frase – orario, orizonte, omem, onra e outras, mas, o hábito, o tempo e a constância na obediência à Reforma, fariam esquecer o velho modo de grafar a nossa língua.

Embora conforme com a Reforma, vamos ver se haveria ou não, possibilidade de atirmos às **ortigas** os **hh** inúteis, como foi feito com outras consoantes mudas.

Felizardo o **h** ... Onde o chamam não aparece: Tem a faculdade de apresentar outras letras que o representem. Vejamos: Onde o pronunciam, aí aparece disfarçado: Agamenon, por exemplo, pronuncia-se – Hmeon, mas o esperto H, esconde-se e se faz representar por – **a** mais **g** mais **a** – e assim em **agazuado, agareno**, etc., que trazem os – **a** mais **g** mais **a** – em lugar daquele figurão, que não se mostra quando é chamado. Nas palavras onde a grafia lhe exige a presença, vem sempre acompanhado: - **nh, lh**, como – **companhia, conhecimento, caudilho** e etc., ainda é sempre com o nome escondido que entra em cena. Emperrou naqueles digramas, mas, onde mostra o vulto, é sempre em falsete que dá o nome. Quando o queremos pelo nome, manda-nos como representantes – **a** mais **g** mais **a** – e oculta-se, esconde-se: lê-se-lhe o nome disfarçado.

Os **Imortais** arranjaram a Reforma que agora é Lei... Sigamo-la.

Apesar disso, porém, por esporte, sem espírito de revolta, como exercício mental, poderíamos tentar suprimir o esguio **h** em **nh** e em **lh** sobrepondo um til em **n** e em **l**... mas, esta notação em **n** da voz espanhola, e em **l**, não nos parece admissível, nem estético.

Suportemos, pois, o **h**, mesmo em falsete, enquanto outra Reforma não vier pegar delicadamente o **h** e expulsá-lo da irmandade.

Talvez a futuríssima Reforma possa dar som nacional aos **ñ** e **l til**. Tudo pode acontecer no correr dos tempos. Não está quase outro o português de hoje, comparando-o com o dos séculos XV para trás, fonética e graficamente? – Está!...

Estudemos, pois, a completa extinção do malandro H e de alguma letra mais.

## **O MEU ANIVERSÁRIO**

Estou no 51º aniversário!

Quisera entrar no seguido meio século de minha vida, junto da cara esposa, junto dos queridos filhos!

Entretanto, estou completamente só! Nem o zumbido de um inseto, nem o ruído de passos, nem uma voz humana ouço. Sentado junto a uma tosca mesa de escritório colonial, revolvo papeis e medito.

La fora, porém, a chuva torrencial alaga o terreno e o som de sua queda, unísono, invariável, constante, sucessivo, sem modulações, está como uma toada fúnebre, a dizer-me que o marco de minha existência já se divisa não muito longe, denunciado por sinais que pronunciam a queda do carpo na voragem escura do nada: Cans, a surgirem por entre os cabelos outrora negros; rugas a encrespem-me a pele outrora lisa, e a indiferença pelo ruído das festas, e o apego ao conchego do lar; e o gosto pela concentração.

Compensando, porém, esta aridez terrena, eu sinto como que um agitar de asas, tênue, sutil, aéreo, divino! São talvez, espíritos amigos, dos que já foram, que guardam a minha solidão!

São, talvez, essas almas boas cujo mundo é a imensidade que saturam o ar que respiro, com a essência colhida na limpidez do Espaço, para que a aura do Bem se amplie ao redor de mim e inspire meus atos para o Bem, só para o Bem!

Salve! Entidades invisíveis... Salve! Demonstrações da existência de um Deus criados de todas as coisas, e mantei, sempre, junto a mim o vosso santo fluído.

**09/01/1910**

## **A MULHER – SUA BENEFICA AÇÃO SOCIAL – AS PROFESSORAS**

Ocupando-nos hoje da ação da mulher, na educação da infância, deixaremos demonstrado que, as crianças conduzidas, em seus primeiros passos, pelos carinhos de suas perceptoras, tornam-se, a seu tempo, bons elementos sociais no meio em que exercerem sua atividade, porque, educadas sob os cuidados afetivos da mulher, seu espírito, desde logo, se vai saturando dos princípios da moral cristã e dos sentimentos do Bem.

Em sua generalidade, a mulher é a síntese dos sentimentos afetivos e, por isso, sua ação social tem o cunho da bondade. Ela tem o delicado dom de convencer sem ferir a dignidade da criança, conseguindo deste modo, conduzir os futuros cidadãos pelo caminho de Dever e, nessa senda educar os juvenis espíritos.

Nobres perceptoras, vós que na labuta diária, entre uma multidão de crianças, mostrais quanto sois meigas e compassivas; nobres perceptoras, vós bem mereceis da sociedade, respeitosa administração e carinho. Vosso insistente trabalho na formação do caráter de vossos alunos, vos dá direito à gratidão dos pósteros, cuja sociedade formada sob o influxo de vossa carinhosa atuação, se adatará ao sentimento da Paz e da Fraternidade, que é o ideal supremo, a suprema finalidade humana.

Daí, das nobres qualidades que vosso espírito cristão tenha infiltrado na sociedade de amanhã, virá o apoio máximo às belas agitações do cooperativismo e a sociedade de então, será a consagração de vosso bendito nome. Sois vós as preparadoras dos tempos felizes da humanidade.

**09/05/1930**

## **A MULHER E A POLÍTICA**

É de antigos tempos, a opinião de que, é mulher não é lícito envolver-se em política, porque, dizem velhos carrancas e moços impertinentes:

- A mulher tem sua missão no lar, criando filhos e atendendo os cuidados da casa.

Não julgamos que a missão da mulher deva ficar adstrita aqueles misteres, porque, se tem aptidão para criar filhos e fazer saborosos acepipes, a tem também, para a vida pública, na orientação da sociedade, no desenvolvimento do progresso social, moral e econômico.

De inteligência tão lúcida quanto a do homem, a mulher, mais perspicaz, é capaz de todos os heroísmos, com a mesma coragem e mais resignação.

Em todos os campos da atividade humana, ela é capaz de desempenhar os mais importantes papeis. A sua mais ativa intervenção, traria para esta parte da administração – mais doçura, menos ódios; mais justiça, menos violências; mais eficiência de trabalho, menos tempo perdido.

Ah! Se a mulher brasileira não tivesse contra a sua intromissão nos negócios públicos, uma porção de antiquários, que não a julgam apta pra intervir na administração, - com seu trabalho, com seu voto, com sua capacidade, - mostraria a eficácia de sua ação, nos costumes sociais e políticos, na administração pública e na direção econômica de quaisquer indústrias. A mulher pode tudo que quer, e leva avante com eficientes resultados, quaisquer tentames.

Admiramos a mulher em todas as manifestações de sua coragem, de seu patriotismo, de seu espírito de ordem, de sua tenacidade e de sua inteligência. Idolatramo-la no lar e no professorado, educando a mocidade e preparando os heróis de amanhã.

**21/02/1930**



## **COMEMORAÇÕES GUERREIRAS, CONFRATERNIZAÇÃO, AMOR À PÁTRIA**

**Lido no Grêmio Passofundense de Letras em 2 de Maio de 1938**

É indiscutível que a humanidade, embora sofrendo, de quando em quando, dolorosas interrupções, caminha para a completa confraternização. Surjam ainda, dissídios entre as nações, que é certo, é que todos os povos anseiam pela Paz universal e pela harmonia de interesses, solidarizando-os.

Ora, se a tendência dos povos, se seus esforços demonstram que as relações recíprocas devem perder o caráter de agressão, no intuito de estabelecer o regime da concórdia, firmado em leal amizade, as comemorações de vitórias guerreiras perderam a razão de ser, devendo, por isso, ser-lhes imposta a abolição. Na própria história, esses fatos, entre nações amigas, devem ser cancelados como demonstração de que o homem se penitencia desses grandes crimes contra seus semelhantes.

Ao invés de lembrar fatos sangrentos festejando o luto de milhares de órfãos e viúvas, é mais consentâneo com a mentalidade dos tempos que começam a despontar em doce aurora de confraternização, que os vencedores procurem apagar das páginas da história essas aventuras de violência, de sangue e de crueldades.

Assim demonstrarão sentimentos de amor à Paz e à Concórdia mundial, que é a tendência do homem de nossos dias, salvo aqueles que ainda conservam laivos da ferocidade de velhos ancestrais. Fora disto é dar nítida prova de que, parte da humanidade, ainda precisa ser humanizada, para que menos tardia desponte a aurora da Paz mundial, concretizando sentimentos bons o desenrolar das cenas que forem surgindo no palco dos novos tempos, e afirmando que a humanidade já se satura das doutrinas do Mártir do Calvário.

Como estamos em face de transição, sucedem ainda fatos opostos, mas, a confraternização dos povos terá seu apogeu.

Não é nova esta nossa intuição dos sentimentos do homem: No ano de 1900, o meu saudoso amigo Josino dos Santos Lima, já na eternidade, e eu, em Cruz Alta, publicamos um Almanaque comemorativo, do século que surgia, em cujo opúsculo publiquei um hino, cuja síntese é a seguinte: Extinção de limites entre os povos e fusão de raças;





desaparecimento da miséria e das guerras; e confraternização integral da humanidade.

Um mito para muitos, talvez; para outros, a síntese da felicidade coletiva.

Não são pensamentos de velho que, com o peso dos anos tornou-se ermitão, mas de velho que, desde a mocidade tem ideias definidas, quanto ao futuro da humanidade, embora veja, ainda, países que sonham com a absorção de outras terras e de outras nacionalidades.

Essa sede de domínio e de supremacia que agita parte da humanidade, terá seu fim, porque a vida é curta e essas pretensões, nem sempre conseguem infiltrar-se no ambiente em que esses ambiciosos exercem sua ação. Com o desaparecimento desses heróis do arbítrio, essa atmosfera de violência em que o exercitam, com os novos orientadores transformar-se-á em sentimentos de fraternidade e ordem. Pode, pois, o desaparecimento de um régulo, concorrer para que a humanidade amplie seu poder de concórdia.

Por certo este processo é lento, por isso, aos contemporâneos parecerá que o idealismo em sua instabilidade, anda com o pêndulo, isto é: Anda e desanda, avança e retrocede, caminha para o Bem e retorna para o Mal. Mas, não é assim.

Lembra-vos do passado conhecido e notareis surtos do progresso do espírito humano, como notareis retornos lamentáveis, mas, que deixam sempre partículas nobres do Bem, que se fixam nos sentimentos.

É como a corrente de rios caudalosos, que vai deixando em sua passagem, o homus que nutre. Como das correntes o espírito sofre essa ação e em cada cataclismo que afete o sentimento, algo vai ficando de elevado que se fixa entre os homens, melhorando-os. A vazante deixa o homus que tonifica, como a escória que destrói, mas, aquele se prende ao ser humano e perdura, e esta permanece sem perenidade e se vai diminuindo à aproximação de elementos bons. Deste modo notareis pela refletida apreciação das histórias dos povos, que a raça humana avança sempre.

Os retrocessos são como as tempestades: Surgem, devastam e se vão para o passado, deixando algo destruído; mas volta a bonança, concerta-se o que se devastou e o ritmo do progresso continua.

.....  
.....

Venho fazendo esta digressão a propósito da data que, há dias, comemoramos e que ao invés de vitórias guerreiras foi a vitória da Amizade e da Ordem, que congrega países do extremo norte ao extremo sul da América, por eles que os unem nos mesmos intuitos de Fraternidade.

Hosanas aos nobres espíritos que conceberam e realizaram a sábia e humana organização, com votos de que estes ideais ultrapassem as raias da América e saturem os sentimentos do Planeta.

.....

.....

Pode-se depreender desta exposição que a ideia da Pátria fica obumbrada pela ideia de humanidade, por isso, preciso dizer que tenho indelével em meus sentimentos de nacionalidade, a ideia de Pátria, Brasil, meu berço e ao qual dedico todo o meu afeto patriótico. Nesta dedicação morrerei porque, quando o Planeta por Pátria da humanidade, pelo desenvolvimento da Fraternidade o meu ser físico atual terá desaparecido a longas décadas. As ideias aqui expendidas, quanto a Paz universal, são condicionadas ao estado de Fraternidade e ordem, em todos os continentes.

Na atualidade, quando o homem, apenas, vem modificando suas barbaras taras; quando ainda há governos imperialistas impenitentes, só não serão patriotas os indiferentes à grandeza da Pátria.

Aspiro para a humanidade o maior grau de beleza moral e afetiva para tempos ainda nas brumas do futuro, porque, a transformação dos sentimentos virá por demoradas etapas; mas no presente – amo o Brasil, com todo o vigor de meu coração, para torna-lo grande forte e unido, podendo reagir contra a intromissão de déspotas que, à laia de bárbaros amem a conquista.



## **O QUE VAI PELO MUNDO**

Os governos, em toda a parte, preocupados com a penosa situação social, econômica, e política, inédita nestes últimos tempos, cogitam meios de derivarem a devastadora torrente que invade o mundo civilizado: Promovem acordos que possam remediar o mal, que poderá desorganizar grandes e pequenos países, e adotam novos métodos administrativos, para ordenar a situação que enegrece os horizontes políticos e econômicos e ameaça derruir o grande edifício da civilização.

Em nenhum país a Paz encontra guarida segura. Em todos os recantos onde o espírito humano tem penetrado, anda à solta o vírus satânico da destruição, de desequilíbrio, das calamidades, da anarquia, enfim, da volta à barbaria!...

Será que a raça humana esteja no fim de um grande ciclo, para retroceder? Será que o progresso da humanidade tenha atingido sua máxima altura para dela precipitar-se no abismo? Será que o Criador, vendo a humanidade em Erro, esteja a mostrar-lhe próximo novo dilúvio, não de ondas bravias cobrindo a face da terra, mas, afogando a sociedade em pavorosa anarquia?

A não ser nos primórdios tempos históricos, a não ser no ciclo bárbaro da idade média, quando os sentimentos do homem, ainda os mais afeiçoados à civilização, tinham a eiva da indiferença pelo Bem público; a não ser nesses tempos, não teve o homem época igual à que o mundo esta passando!

Os responsáveis, os guias, os atuais orientadores de povos contemporâneos, ensaiam todos os meios de fazerem voltar o equilíbrio à sociedade de nossos dias: Congregam-se governos, instituem-se agregados coordenadores, procuram-se perpetuar a Paz em todas as suas formas, criam-se organizações sociais tendentes a harmonizar interesses coletivos, mas, tudo rue dando, muitas vezes, resultados negativos.

As vezes adotam medidas aparentemente providenciais, mas que, na prática, constituem-se em círculo vicioso, que a cada inovação com o intuito de melhorar, mais fundo leva o mal, mais penosa torna a situação.

Parece que o Planeta se movimenta em zona de ambiente desfavorável que vai se infiltrando no sentimento da humanidade, desorientando-a anarquizando-a. os povos ou seus líderes, insatisfeitos,



precipitam o mal, criando novos ideais, quase sempre nefastos, raros com possibilidade de fazerem emergir a Ordem, a Paz, o Bem.

- Qual o remédio que derive essas calamidades? Onde a incógnita para o surto da estabilidade social e econômica?

Os homens que governam, aqueles que tem a responsabilidade máxima da penosa situação de nossos dias, enxergam o mal pela rama, não penetram as camadas íntimas da sociedade, não enxergam o que vai entre o povo, cujo sofrimento escapa a argúcia, a percepção dos grandes que, em seus altos postos não sofrem o rigor da crise: Estão imunes ao furacão da miséria que infelicita os povos... Suas indumentárias não tem traços de velhice, e suas mesas não sofrem a ausência da fartura!... Os pequenos tem as vestes rotas e os estômagos gritando!

**06/02/1935**

## OS QUATRO CAVALHEIROS DE APOCALIPSE

Quem tenha lido as impressionantes páginas de “Os quatro cavaleiros do Apocalipse”, de Blasco Ibanez, terá gravadas na memória, as mais lancinantes cenas que se podem apresentar a olhos humanos.

Ali, onde as maiores torturas enchem-nos o espírito de dolorosas penas, pelos suplícios que os variados lances guerreiros ocasionam, destacam-se quadros de barbaria de toda espécie, dando a medida do que pode o espírito do homem, então fara na pratica de cenas dolorosas, cada qual no empenho de fazer maior número de vítimas, de impor maior soma de tormentos!

Desses quadros bárbaros que a civilização com os olhos rasos d’água, e o espírito lanceado de penas, abomina e procura eliminar, surgem penosas consequências que se concretizam nos significativos símbolos criados pelo eminente escritor: A **Guerra** empunhando o gládio de destruição e morte; A **Peste** e a **Fome** emanadas de dilúvio de males, destruindo a sociedade, quebrando vínculos morais que unem criaturas nos mesmos ideais – pela dispersão, pela fome, pela destruição de bens, de vidas, de liames afetivos; e a **Morte**, pintando cruzes em toda a parte onde caem as vítimas dessas cenas de destruição e ferocidade!

Daí a anarquia... Daí a volta a sentimentos primitivos... Daí o desamor a seus semelhantes e a indiferença pelo infortúnio alheio... Daí o estrangular de elos que ligam uma nacionalidade entre si, pelo afeto filho da igualdade de raça, de solo nativo, de costumes, de civilização e de moral. E ainda os sérios inconvenientes que promanam de tais lutas peníveis, lamentáveis, significando grande depressão nos sentimentos de solidariedade nacional, se dentro de um País.

Depois, vem os prejuízos materiais, o desaparecimento das fortunas arrebatadas no vórtice da luta, o desrespeito, não só aos bens alheios como aos próprios indivíduos peados em sua liberdade, apavorados por fatos inéditos que sempre surgem nestas lutas bárbaras, diminuídos moralmente, pois, se tornam coisas e não criaturas; premidos de dificuldades decorrentes de tão grandes males, e... mais doloroso o sofrimento de mães, esposas, filhas que a miséria atinge em larga escala e penam sob todos os males físicos e morais, sem terem a quem recorrer, que é geral o exército de males que espalham... a Guerra, a Fome, a Peste, a Morte!

20/07/1932

## **A LIGA DE DEFESA NACIONAL**

### **Palestra proferida na 3ª sessão solene do Grêmio passofundense de Letras**

Exmas. Snas., Confrades, Concidadãos:

Como presidente do Núcleo Passofundense da Liga de Defesa Nacional, dirijo-me a todos vós, para expor-vos os fins deste agregado patriótico.

Com entusiasmo, foi recebida em nosso meio a criação deste Núcleo.

À sessão de posse compareceu seletto auditório; elementos de nossa elite social aderiram à nobre criação; algumas comissões já estão constituídas e começarão a desenvolver sua ativa colaboração; outras comissões em breve entrarão em atividade.

Para lembrar-vos quais os fins da Liga, vou proceder a leitura do que pretende este agregado nacional e patriótico, segundo os artigos 1º e 19º dos Estatutos:

“ A Liga de Defesa Nacional, fundada no Rio de Janeiro em 7 de Setembro de 1916, independente de qualquer credo político, religioso ou filosófico, é destinada, dentro das leis do país, a congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes. São seus fins:

a) Manter em todo o Brasil a ideia da coesão e integridade nacional, procurando facilitar e desenvolver as comunicações morais e materiais entre as unidades da Federação.

b) Propagar a educação popular e profissional;

c) Difundir nas escolas primárias, profissionais, secundárias, superiores, civis, militares e religiosas, assim como em todos os lares, oficinas, corporações e associações, a educação cívica, o amor a justiça e o culto do patriotismo;

d) Defender o trabalho nacional, a lavoura, a indústria e comércio, as ciências e artes, e interessar-se por todas as questões que importarem à prosperidade, à segurança e à dignidade do país;

e) Combater o analfabetismo, o alcoolismo, a vagabundagem e a dissolução de costumes;



- f) Desenvolver o civismo, o culto do heroísmo e fundar e sustentar associações de escoteiros, linhas de tiro e batalhões patrióticos, quando autorizados por lei;
- g) Apoiar pela persuasão e pelo exemplo, a execução das leis de preparo de organização militar;
- h) Aconselhar e facilitar a instrução militar em colégios, escolas, faculdades, academias, externatos, internatos, seminários, orfanatos, institutos de assistência pública e particular, associações de comércio, indústria, beneficência, esportes e diversões;
- i) Estimular e avivar o estudo e o amor da História do Brasil e das nossas tradições;
- j) Fazer a propaganda da Liga, no lar e em público, por meio de conferências comícios, livros, folhetos, revistas, jornais, festas públicas e prêmios;
- k) Publicar um catecismo cívico e livros de educação patriótica, destinados à infância e adolescentes, para distribuição gratuita;
- l) Robustecer o sentimento da Pátria entre os brasileiros residentes no estrangeiro;
- m) Promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras existentes no Brasil e a criação de escolas primárias nos núcleos coloniais.
- n) São do artigo 19 as seguintes – **Disposições Gerais:**

A Liga de Defesa Nacional, nunca poderá intervir em lutas eleitorais, nem em discussões ou propagandas partidárias, políticas ou religiosas, mas intervirá sempre a título de centro de conselho e de continuidade, nas questões de educação, nos problemas sociais de proteção e de defesa coletiva, dirigindo-se, dentro das garantias da Constituição do país, aos governos e ao povo.”

Confrades:

Eis aí detalhados os fins da Liga de Defesa Nacional.

O número de sócios é indeterminado, o que quer dizer que a inscrição está sempre aberta para todo o brasileiro que ame a terra de seu berço, e a deseje forte, próspera e respeitada.

Todo o brasileiro que deixar-se contaminar por ideologias exóticas, importadas de países imperialistas, para implantar no Brasil, leis e costumes opostos à índole e hábitos nacionais, deve ser considerado traidor de sua Pátria.



À espíritos assim eivados do princípio da dissolução nacional, devem todos os membros da Liga de Defesa Nacional, como todos os bons brasileiros, manter constante oposição. O Núcleo Passofundense conta convosco para o bom êxito dos intuitos da Liga.

Como ouvistes, o art. 1º começa afirmando que a Liga independe de quaisquer credo políticos, filosóficos ou religiosos, pois, o seu fim é congregar, dentro das leis do País, os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes. Ricos e pobres, poderosos e humildes, todos no mesmo fervor patriótico, devem procurar erguer bem alto o símbolo de nossa nacionalidade, pendão auriverde que acolhe sob sua sombra protetora, homens de todas as raças, sem tolher-lhes quaisquer crenças religiosas, contanto que não procurem trair a Pátria que os acolhe bondosa, contanto que, reconhecidos, amem a terra onde encontram Paz e riqueza.

---

Exmas. Sras:

A vossa atuação patriótica começa no lar, com a propagando do desenvolvimento do amor pátrio nos corações infantis; no lar deve, todo o filho de nossa grande Pátria, começar a ter o coração trabalhando pelos sentimentos de brasilidade e, assim, já saturados, espírito e coração, a infância entra na juventude, tendo o patriotismo como paradigma de vida na sociedade, tornando-se, portanto, membros de sua nacionalidade, e repudiando tudo que a possa embaraçar na marcha para a grandeza.

Sóis vós, pois, Exmas. Snras. e ilustradas professoras, a quem incumbe inculcar nos sentimentos da infância, todo o magnético fluído de vossas convicções patrióticas.

Sois, assim, notáveis, formadoras da grande obra de nacionalização!

Sois, assim, notáveis formadoras da grande obra de nacionalização!

É, pois, nas escolas que continuarão as lições de patriotismo, conjugadas com as lições de letras.

O vosso concurso é indispensável! Prestai-o, pois, pela Pátria, com toda a nobreza de vossos corações, com toda a bondade de vossos carinhos.

Na formação do caráter de geração atual, vós tendes a maior soma de responsabilidades, pois, os orientadores da sociedade de



amanhã, desde a infância até a mocidade, estão a vosso cargo. Orientai, portanto, a par dos ensinamentos de letras, os seus sentimentos de pundonor e de amor à Pátria!

Assim, a nós outros, ficarão os que escaparem de vosso preparo, visto que entregareis à sociedade – espíritos já saturados de brasilidade. Vossa missão terá benção da Pátria agradecida.

Concidadãos:

Ampliando esta Palestra sobre a Liga de Defesa Nacional, no dia da Pátria, cumpre-me prestar homenagem às forças militares brasileiras, representadas pelas corporações aqui sediadas.

Seus ilustres comandantes, seus distintos oficiais, recebam esta demonstração de apreço e aplausos, pelo muito que o exercito brasileiro tem feito pela Pátria.

Garantia da Constituição, dos Governos, das leis e da integridade da Nação, o exército brasileiro está sempre alerta, fazendo valer seu prestígio e sua força, contra anárquicos demolidores.

A Liga de Defesa Nacional, instituto cívico-militar, criado para saturar de brasilidade a nossa cara Pátria, - para que sua ação frutifique, conta que, os cidadãos fardados que constituem a garantia da Ordem, prestem seu valioso concurso em todas as secções do Núcleo Passofundense da Liga de Defesa Nacional.

Embora de atribuições diferentes, os militares concorrerão para o desenvolvimento da sociedade brasileira, em todos os setores, demonstrando assim, que, filhos da mesma Pátria, agem confraternizados.

Essa tendência vai criando raízes em uns e outros corações e a confraternização se estenderá a todos os brasileiros, consolidando as relações pan-americanas em leal amplexo de concórdia.

A Liga de Defesa Nacional, concorrerá para esse grande desideratum, conjugando em suas múltiplas atividades, o esforço de todos os brasileiros.

Conto, pois, que os militares darão o seu valiosos concurso, a bem do desenvolvimento do Núcleo Passofundense da Liga de Defesa Nacional.

---

Consócios:

A Diretoria do Núcleo Passofundense da Liga de Defesa Nacional, espera que as diversas comissões concorram, eficientemente, para que, no menor lapso de tempo possível, tenhamos, na cidade e em todo o município, diversos Grupos de Escoteiros, de Tiros, de Batalhões patrióticos, de modo que, no primeiro aniversário, o Núcleo possa apresentar festa comovedora e patriótica.

Não, nós faltarão o concurso do Prefeito do Município que, dinâmico e patriota, concorrerá eficazmente para esse resultado.

---

Exmas. Snras:

Em nome da Liga de Defesa Nacional, conto convosco no lar, nas escolas, nas sociedades, em toda a parte onde vossa doce palavra faça chegar a todos os corações, o amor à nossa Pátria.

Concidadãos:

Também vós em toda a parte onde vossa atividade possa desdobrar-se, prestai o concurso de vosso empenho a bem da Pátria.

E vós futuros orientadores de amanhã, pugnai pelo Brasil, levando seu pavilhão em triunfo, para o alto futuro que o espero.



## **BRASIL, TERRA DA PROMISSÃO**

Não é sem razão que notáveis sábios atribuem à terra americana o Paraíso terrestre, isto é, o Berço do primeiro homem.

Tendo o Criado destinado este pedaço do Planeta para nele ver a luz o rei da Criação, terá dotado esta terra, de magnificências extra comuns.

Parece que, além de se ir descobrindo que o homem surgiu em paragens americanas, outras maravilhas se vão mostrando para afirmar este acerto.

A América é o continente que, quase sem solução de continuidade, vai do extremo norte ao extremo sul do Planeta, como apresentando seu abraço fraterno ao outro hemisfério.

A América possui solo que se adapta a numerosas espécies de produtos – animais, vegetais e mineiras, na terra e no ar, aquáticos e terrestres. Seu clima maravilhoso pode acolher gentes e produtos de todas as latitudes.

Certamente, devido a suas admiráveis virtudes naturais, o ser humano, nesta bela estância do Planeta, possui predicados notáveis, em seus caracteres específicos de sentimentos e de bondade: Afetuoso e atraente, o tipo americano é a negação do egoísmo.

O continente americano é o símbolo da fraternidade: Vemos no sul a raça latina, super tipo de sentimento fraterno, entre a qual a afabilidade não é regateada a advenas de quaisquer procedências; vemos no norte, já latinos já indo-saxões, constituindo no convívio contínuo, no afeto recíproco, a formação da raça continental, capaz de concorrer com eficiência para a confraternização dos Povos.

Dissemos de princípio: **Brasil, terra da Promissão**, e tecemos um hino de louvor à América... É que o Brasil é americano; é que na América, fundem-se, em nossos tempos – raças e interesses, afetos e solidariedades. O espírito americano, distende-se em união fraterna, a todas as direções, com o sentimento da solidariedade que devera abraçar todo o Planeta.

Em todos os tempos temos merecido carinhosas referências a nosso solo ubérrimo, sadio e rico; a nosso céu estrelado e límpido, sob a égide do cruzeiro; a nosso Povo amigo, afetuoso e nobre; a nossas

instituições que acolhem de braços abertos aos que procuram nossa terra benfazeja.

À América, Terra de Paz, de Ordem e Fraternidade, onde se ostenta o Brasil, nossa querida Pátria, que abre seu sincero coração a confraternização continental e almeja a confraternização de todos os Povos: Á América, ao Brasil, calorosos vivas, no dia de nossa independência, em que a liberdade tangeu todos os nossos sentimentos de amor à Pátria, nosso berço, onde a vida se nos despertou risonha, e nossos olhos se abriram ao fulgor de auroras irisadas de esperanças! Brasil, em cujos filhos os sentimentos de patriotismo crescem, crescem sempre, dia a dia, Salve!

**7 de Setembro de 1941**



## NO DIA DA ASA

27/10/1940

Com sol brilhante, céu claro, límpido, sem nuvens que lhe toldem o dia admirável, - Dia da Asa – nos dá a doce impressão de que, a comemoração de seu dia vai ser esplêndida, que os aviões esperados vão surpreender a cidade, que verá belo conjunto dessas máquinas aéreas, como águias possantes evoluindo em nosso céu. Então, veremos a Pátria como as grandes nacionalidades, no preparo da nova e poderosa arma de defesa, de ataque e propulsora do comércio e da amizade.

Nessa rápido meio de transporte que se desenvolve seguro, veremos que, em horas, ligar-se-ão, a última raia norte de nossa Pátria, nos confins do Amazonas, com a mais afastada extremidade sul, no volumoso Uruguai, com impressionantes panoramas, numa e noutra direção. Que admirável, pois, a aviação!

Do alto, ver-se-ão belas paisagens de matas virgens entre as quais serpenteiam marulhosas correntes. Ao longe, dentre as nuvens, divisar-se-ão rios: caudalosos como largas fachas prateadas, dando a nossos sertões admiráveis perspectivas. Sublime quando esse, onde a natureza da terra amada ostenta-se grandiosa... E logo o panorama da civilização em zona aberta: O avião, sereno e belo, cortando o ar brasileiro, sobre cidades imponentes, onde a civilização e o progresso se expandem em todos os sentidos, provando que o vasto Brasil, nossa querida Pátria, já ingressou na alta civilização, já seu desenvolvimento material atingiu as possibilidades a que se alçam os grandes grupos humanos de mais relevância no Planeta.

Aguardemos as Asas, que nos honram, neste dia, com as suas admiráveis evoluções, e lhes antecipemos nossas saudações.

Hoje, a mocidade das escolas, guiadas por seus excelsos mentores, já percorrem a cidade, em regozijo á patriótica data, à inédita revoada, e como que dizendo, com sua encantadora presença: “Aí vêm os aviadores, esperemo-los com o coração sob a Bandeira da Pátria que eles honram guiando suas aeronaves!”

.....  
.....



Ei-los que apontam, lá ao longe... já chegam ao Aeródromo vasto, em campo aberto, mas bordado, á distância, de fresca sombra. Sobrevoam, essa bela área alarde preparada para recebe-los e, em tudo, no campo e nas matas; nos agrupamentos de povo e sob o céu límpido deste dia, adejam como pássaros!

No aeródromo, como na cidade – aviadores nossos – vos levantamos aplausos no dia da Asa!

.....  
.....

Já estais sobre a cidade aéreos visitantes... Sede bem vindos a esta terra que é boa e gasalhosa. A vossa presença nos entusiasma... Estais em nosso céu, que também é vosso: É céu do Brasil!

Percorreu-lhe todos os recantos e sentireis, em toda a parte, a alegria de vossa presença no eco de nossas saudações.

.....  
.....

Ah!... Foi breve a vossa passagem pelo céu da cidade... Deixaste-o em instantes... Boa viagem. Que Deus vos seja companheiro até vossos lares, e sempre!

.....  
.....

Dia de duplo regozijo: Dia da Asa... Dia da inauguração do Aeródromo! – Salve!

## ESCOLA COMPLEMENTAR

### Um quadro singular

Tive o prazer de admirar, ainda em preparo, o belo quadro das formandos deste ano. É delicado trabalho de paciência, habilidade e arte. É simbólico: Vê-se nele o progresso, a instrução, a flora brasileira e a lenda em caprichosas cominações de pedacinhos de madeira com significativas e delicadas esculturas.

E, que material foi empregado nessa mimosa confecção – Uns fragmentos de madeira e de palha de trigo!

- Que instrumentos foram utilizados na estrutura dessa delicada combinação de desenhos? – Um serrinhas e alguns ferrinhos de corte!

Pois, apenas com essa modesta aparelhagem, as inteligentes novas professoras estão preparando seu interessantíssimo quadro de formatura. Com essa simples coleção de ferrinhos, as distintas jovens estruturam significativo símbolo: A selva brasileira e seu lendário curupira: a instrução pública na bela alegoria de uma donzela; o progresso pela presença de instrumentos que o representam; e a Pátria Brasileira nesse conjunto que o patriotismo inspirou.

.....  
.....

Quem tem a ideia de Pátria como parte integrante de seus sentimentos, não pode ver esse belo trabalho sem comovida emoção. É, pois, com o sentimento assim tangido que apresento às estudosas formandos e à ilustrada diretora e professoras – a minha admiração.

Ah!... Mas, para ser completa esta homenagem, estendo-a ao professor Geolar Caminha, cuja atividade, dedicação e alta capacidade, tem parte saliente nesse trabalho: Foram suas alunas as hábeis construtoras desse mimoso quadro, portanto, a inspiração e as lições do mestre terão concorrido para a delicada demonstração de arte, de gosto e da competência com que foi executado o admirável quadro,

Tem aí o hábil professor de desenho, atestado vivo do valor de sua ação na cadeira que lhe está a cargo.

1941

## **ENQUETE – LITERATURA**

Ilustre Redator d' "O Nacional":

Vosso conceituado jornal, não andou acertado cometendo-me a **Enquete** proposta aos intelectuais desta cidade, pois que, as minhas qualidades de intelectual não me dão direito a esse atestado de aptidão.

Embora isso, entretanto, a cortesia intima-me a responder, e o faço convencido de minha nulidade em assuntos literários.

Quer o esperançoso órgão passofundense, que lhe diga qual o escritor de minha predileção...

Lá vai, pois, o que pensa o velho amador de coisas literárias. São tantos os nomes que merecem honrosas referências, que tenho dificuldade em eleger um. Satisfaçamos, entretanto, a "O Nacional" e digamos alguma coisa sobre Machado de Assis, sobre Coelho Neto.

Machado de Assis, poeta e prosador, delicado burilador da frase atraente, estilista de fina estirpe, que possuía o sublime dom da simpatia na maneira de expor os frutos de sua elaboração intelectual, deixou-nos admirável messe de seu cérebro privilegiado...

Coelho Neto, cujas obras atestam o quanto vale o talento que serve a um espírito de elite, pela elevação de seus sentimentos afetivos, pela espontaneidade de suas concepções, é, igualmente, poeta, e prosador de primeira linha.

Dois intelectuais admirados pela potencialidade de suas produções, demonstrando sempre a grandeza de rica imaginação... entre eles qual devo preferir? É mister que um nome surja como nosso eleito!

Elogiamos, pois, Coelho Neto, pela intensidade de seus sentimentos afetivos, pela espontaneidade de suas produções...

Machado de Assis possuía iguais predicados, mas, minhas simpatias inclinam-se para Coelho Neto. Talvez por ser ele contemporâneo, talvez por ter eu, há pouco, na "Revista da Língua Portuguesa", lido duas pequenas, mas, mimosas, sentimentais produções suas, nas quais, vão pedaços de seu coração de pai! Talvez por isso, por estar tão perto a impressão dessa leitura que contrista, que emociona, talvez por isso, só por isso, prefiro Coelho Neto.

Mas, Machado de Assis, tem também, suas paginas emocionantes, paginas que traduzem a magoa de seu coração de esposo,





quando a morte lhe arrebatou a querida companheira. Ah! Machado de Assis tem também páginas dolorosas...

Se é por esse fundo sentimentalismo que preferi Coelho Neto, que fazer agora?

- Ficar com ambos, embora o “Nacional” solicite um só!

Para que se avalie em qual dos dois é mais intensa a magoa expressa nas produções que me impressionaram, dou delas e de cada um, pequeno trecho, sendo de Machado de Assis – um soneto.

Coelho Neto, sob o dolorosa pesar da perda de seu filho, escreveu – “Viver...” em cujo sangrar do coração, depois de descrever a luta de um navio em pleno mar tormentoso, termina:

Assim também procede o coração na angustia.

Sofra o coração, embora!

Sofra! Mas viva! Mas bata, cheio, aos menos de alegria de viver, de viver!

A alegria de viver! Essa não torna ao coração.

As máquinas de aço e bronze, se conseguem vencer os temporais, quando os navios chegam ao porto são examinadas peça a peça e, nem por serem de metal fortíssimo deixam de trazer moossa. Entram, porem, os artífices com o trabalho e, onde encontram falham, reparam onde encontram eiva corrigem. Se um embolo ou mancal sofreu dano, logo o substituem, e a máquina, refeita, torna ao seu ofício, integra como dantes, e nela nem sal das ondas conserva, porque tudo é limpado, lixado e ajustado.

O coração, esse... quando chega ao porto de bonança, serenado, é que mais sofre. Amaina-se o temporal, limpam-se os ares, abre-se o céu em luz, abranda-se em brisa o vendaval, tudo torna à clama do bom tempo, o coração quebrado, esse... quem o concerta?

Que artífice é capaz de substituir nele as peças que a tormenta inutilizou?

Move-se, vive e bate... mas, como vive?

Ai! Dele... bate, de que lhe serve bater?

Ao sair do estaleiro, o navio corre ao mar, e a hélice encontra as águas e revolve-as e, cada volta em que gira, leva-a para diante. O coração inclinado para o abismo, bate em vão, porque toda a sua força perde-se no vácuo, como a da hélice quando o navio mergulha no côncavo das vagas.

O navio prossegue, singra mar em fora, vai a novas praias...



O coração, de que lhe serve bater, se não sai do vazio da saudade?

Mas é preciso viver... pois seja! Que o coração faça o seu ofício: sofra! Mas viva!

Mas bata! Cheio, embora, da tristeza de viver, de viver!"

Não se pode definir melhor a dor de um pai, quando a Morte lhe arrebatava a sua querida, a sua mais vivida esperança, subtraindo-lhe do lar o filho amado...

Vede, ainda, o prolongamento dessa dor em outra comovente produção – Primavera – da qual damos, também, o final:

"E vieste, entraste pela casa coberta de flores, como noiva, e levaste-o contigo, escondendo-o na cova para sempre!

O lavrador que enterra a semente no alfofre, fá-lo para a Vida, e tu primavera, que fizeste do que levaste?

Que dirão de nós os que nos virem de luto no festival de tua era, cobertos de crepe entre as tuas flores, chorando lamentosamente no coro de risos da Natureza?

Quiseste uma flor nova e vieste buscar a que tínhamos escondida em nosso amor, que não temíamos a Morte.

E fomos traídos pela Vida, porque, foste tu que nô-lo roubaste, Primavera.

Tu que reenfolha troncos que o lenhador despreza na floresta, tendo-os por mostos e apodrecidos; tu que das vida em flor aos pântanos estagnados; tu que realizas milagres de ressurreição em toda a natureza; tu onipotente; tu vivificadora; tu antagonista da Morte; tu inspiradora do Gênesis; tu que és o Verbo de Dues, ó estação da benção! Tu que és o raio do sol dentro do qual erram em átomos as messes; tu que és a juventude, Primavera fecunda, flor da Eternidade, que mal te fizemos nós, para que nos entrasses pela casa coberta de flores, como em festa, para matar-nos, com o teu veneno, o filho de nosso amor, consolação de nossas horas tristes e arrimo da nossa velhice?

Porque nos traíste, Primavera, Vida da Natureza e Morte da Ventura nossa?"

Parece que o pai afetuoso, vasou neste dolorosa imprecação, toda a sua dor, pela perda do filho amado!

Vejamos, agora, o soneto de Machado de Assis, em visita ao túmulo da idolatrada esposa, sua companheira de longos anos:

## **A CAROLINA**

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu se tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.”

Os leitores acharão excentricidade avaliar o talento pela intensidade dos sentimentos afetivos. Poderíamos avaliar pelos risos que souberam provocar, pelas alegrias que suas fulgurantes penas infiltraram nos corações!...

Questão de ocasião, questão de gosto: Preferi, no momento, medi-los pelo grau de suas dores, pela grandeza de suas magoas, pela sensibilidade seus corações!

**02/09/1935**



## **A EXCURSÃO DOS BOTUCARIS**

Empolgante a festa da recepção dos Escoteiros Botucaris, em sua sede. Assisti-a comovido, ouvindo dos lábios de membros da tropa, a interessante narrativa da patriótica jornada, que mereceu, desde a capital, francos elogios.

Com a graça peculiar a cada um dos oradores Botucaris, foram narrados os mais notáveis sucessos ocorridos com o Tropa, desde a saída desta cidade até a volta. Entre diversos de seus membros foi capitulada a descrição: cada um por sua vez, expos impressões e notas. A cada inesperada ocorrência, com o espírito e graça próprias a cada surpresa, os oradores foram desafiando seu rosário: Ante um fato comum, um companheiro se impressiona; o extravio de outro, na confusão das festas, alarma toda a Tropa; diversos tomaram o Bonde errado e seguem para rumo desconhecido; ainda outro, mesmo no Bonde, perde os companheiros; em visitas a colegas de esportes, são alguns feridos por Cupido e lá deixam pedaços dos corações; o chefe, azafamado, de um a outro lado, atendendo a Tropa, quase esquece a noiva que lá o esperava; na ida, em Santa Maria, apesar de chegarem três, inclusive o orador, em pleno domínio de Morfeu, deram formidável susto no hoteleiro que não esperava a avalanche que lhe invadiu o hotel... Tudo isto e ainda mais, narrado com naturalidade e graça, provocou, por vezes, manifestações álacres do auditório. Aqui e em toda parte elogiosas referências pela disciplina, correção, sociabilidade. Nenhuma observação lhes foi preciso fazerem seus chefes, orgulhosos por terem sob sua direção tão corretos rapazes: Corretos pela educação, pela disciplina, pela aptidão, pelo brilho de sua atuação.

Representante da Liga de Defesa Nacional, neste Município, vendo assim crescer nos corações dos Escoteiros a chama do patriotismo denunciando firme brasilidade, e diante de esplêndida, foi com emoção patriótica que louvei a nobre conduta da Tropa. Que fique gravado nos corações dessa admirável mocidade, os votos de minha admiração por sua corretíssima conduta que lhes honra o nome, e provocou merecidos elogios ao Instituto Ginásial, onde esses jovens iluminam a inteligência, enobrecem o caráter e fortalecem os sentimentos de amor à Pátria. Isto demonstra também, que o chefe dos Botucaris tem se dedicado ao preparo de seus briosos soldados, pondo em evidência seus predicados

de consumado orientador, com patriótico espírito de organização e disciplina.

Reitero a minha admiração que se estende ao sábio método de ensino do Instituto Ginásial, onde se formam caracteres saturados de patriotismo, sociabilidade e cultura.

E, não é só isto: Ali florescem, entre professores e alunos, duas associações literárias – “Castro Alves” e “José Bonifácio”, e uma bem cuidada Revista que dá à estampa, trabalhos literários, principalmente do Instituto. A ginástica e outros esportes têm no Instituto carinhoso cuidado. Há dias, assistimos uma demonstração de cultura física, orientada pelo Capm. Olavo Amaro da Silveira, cuja boa vontade e competência admiro.

Interessante, um grupo de pequenos alunos, céleres nos movimentos ordenados; gracioso, estético e adiantado, um grupo de gentis meninas, das quais, duas foram premiadas.

Deixamos aqui um – AVANTE – a essa esperançosa mocidade que, tão bem, se compenetra de seus deveres a bem da Pátria e de seu próprio progresso.





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)





Passo Fundo



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre